

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

THAUANA APARECIDA TEIXEIRA

**A DIMENSÃO RELIGIOSA NAS COMPREENSÕES E VIVÊNCIAS DE
JOVENS UNIVERSITÁRIOS DA UNESPAR**

**CAMPO MOURÃO – PR
2020**

THAUANA APARECIDA TEIXEIRA

**A DIMENSÃO RELIGIOSA NAS COMPREENSÕES E VIVÊNCIAS DE
JOVENS UNIVERSITÁRIOS DA UNESPAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

Orientadora: Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro.

Co-orientador: Dr. Frank Antonio Mezzomo.

**CAMPO MOURÃO – PR
2020**

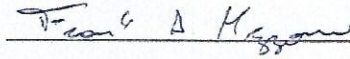
THAUANA APARECIDA TEIXEIRA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Orientadora) – UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dr. Frank Antonio Mezzomo (Co-Orientador) - UNESPAR/ Campo Mourão



Prof. Dr^a. Daniela Medeiros de Azevedo Prates – IFSul/ Charqueadas



Prof. Dr^a. Renata da Silva – UNICAMPO/ Campo Mourão



Data de Aprovação



Campo Mourão – PR

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

T266d

Teixeira, Thauana Aparecida

A dimensão religiosa nas compreensões e vivências de jovens universitários da Unespar. /
Thauana Aparecida Teixeira. -- Campo Mourão, PR : UNESPAR, 2020.
83 f. ; il.

Orientadora: Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro.

Co-orientador: Dr. Frank Antonio Mezzomo.

Dissertação (Mestrado) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-
Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), 2020.

Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

1. Religião. 2. Estudante Universitário. 3. Juventude. I. Pátaro, Cristina Satiê de O. (orient). II. Mezzomo, Frank Antonio. (Co-Orient.). III. Universidade Estadual do Paraná–Campus Campo Mourão, PR. IV. UNESPAR. V. Título.

CDD 21.ed. 230
305.23
378.198

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final de uma trajetória como esta: de muitos estudos, abdições e aprendizagens, me pus a refletir sobre como caminhei durante esses últimos dois anos e alguns meses. Ingressei neste curso me intitulado psicóloga e especialista em minha área de atuação, sem me dar conta de que para compreender outro ser humano, necessitava ser muito mais do que especialista em uma área, mas dialogar com diferentes perspectivas. E eu tive isso.

Nos últimos três anos, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência que me ocasionou os mais diversos sentimentos: insegurança, ansiedade, impotência, orgulho, felicidade e autoconfiança. Alguns destes são paradoxais, mas afinal de contas, somos sujeitos complexos. Estar em uma especialização *stricto sensu* em nosso país, em que a educação é sucateada em prol de interesses pessoais, que a população ainda padece e carece de saúde e segurança e que 11,3 milhões de pessoas com mais de quinze anos ainda é analfabeta, é um privilégio e uma grande responsabilidade. Ainda estamos longe de alcançar qualquer tipo de igualdade e de conquistar as mesmas oportunidades, por isso, pesquisar é um ato de coragem e resistência. É quase uma denúncia.

Nos dar conta desta realidade e, ao mesmo tempo, ter a sensibilidade de compreender a potencialidade do outro não é uma tarefa fácil, porém possível. Por isso, meu coração se enche de alegria em ter a oportunidade de ter sido orientada pela professora Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, que pode enxergar em mim potencialidades e me acompanhou de maneira carinhosa, ética e científica durante este período. Gostaria de agradecer meu co-orientador, o professor Frank Antonio Mezzomo, que direcionou a mim todo o suporte necessário para que eu pudesse caminhar com minha pesquisa com seriedade. Obrigada a vocês por todo o companheirismo. Vocês tornaram-se meus exemplos profissionais.

Agradeço a Deus por estar ao meu lado em todos os momentos, me sustentando em seus braços e mostrando que seu tempo é perfeito.

Gostaria de poder vivenciar este término de uma etapa de minha vida de forma completa, mas falta um pedaço em mim. Meu pai iniciou essa jornada ao meu lado, não medindo esforços para me ajudar em tudo o que fosse necessário, mas infelizmente, há seis meses, ele tem me acompanhado de outra dimensão. Gostaria de poder folhear minha dissertação e mostrá-la a ele com orgulho. De olhar para seu rosto na defesa e me sentir abrigada. Gostaria de tanto, mas pouco posso. De maneira muito especial e respeitosa, dedico

esse trabalho especialmente a ele, Altamiro Teixeira, o homem que foi pai, amigo e professor. O homem do qual me orgulho e que me ensinou a buscar meus sonhos em um país em que as mulheres são diminuídas. De onde estiver, pai, sei que está feliz por mim e onde eu estiver, deixarei seu legado. Te amo não mais e nem menos, mas como sempre amei.

Não poderia deixar de agradecer de forma muito amorosa e emocionada à minha mãe, Isaura dos Santos Teixeira. Mulher forte e que me fez forte. Aqui estou, mãe, não como uma criança chorosa nos primeiros dias de escola – não foi fácil para nós –, mas como uma mulher destemida. Responsabilidade sua. Obrigada por todo o cuidado, carinho e empenho na minha educação. Essa é nossa dissertação.

Ao meu irmão, Matheus Belmiro Teixeira, que sempre acreditou em mim e me inspirou a ser cada vez melhor e nunca desistir de meus objetivos e sonhos.

Ao meu marido Marcos Henrique Carvalho da Cruz que esteve ao meu lado a todo momento, mostrando-se compreensivo e amoroso. Sem ele, eu teria menos coragem para buscar e sustentar meus sonhos. Obrigada, meu amor, por sempre me incentivar a ser alguém melhor.

Aos integrantes do grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, que compartilharam conhecimentos e prestaram todo o apoio pessoal e acadêmico.

RESUMO

TEIXEIRA, Thauana Aparecida. **A dimensão religiosa nas compreensões e vivências de jovens universitários da Unespar.** 83f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2020.

Nesta pesquisa, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, procuramos analisar quais os sentidos que a dimensão religiosa adquire nas vivências e compreensões dos jovens universitários da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Para tanto, levamos em consideração o modo como os jovens universitários compreendem a dimensão religiosa e de que forma esta se faz presente nas suas vivências em diferentes esferas de sua vida, como a universidade, a família e amigos. Partimos de entrevistas semiestruturadas realizadas no ano de 2017, junto a trinta jovens acadêmicos de quatro cursos de Licenciatura da Unespar: Filosofia, Geografia História e Pedagogia, distribuídos em cinco campi da universidade: Apucarana, Campo Mourão, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória. A análise iniciou-se com a realização de fichamentos das entrevistas transcritas, a fim de entrar em contato com os dados coletados e de observar elementos que evidenciassem a relação do jovem com a dimensão religiosa, o que culminou na construção de três eixos temáticos, conforme segue: trajetória e vinculações do jovem à religião; compreensões do jovem sobre a religião; perspectivas juvenis sobre a relação entre religião e política. Os resultados apontam que a religião é um elemento significativo para a composição da identidade dos jovens e que estes a vivenciam a partir da tradição engendrada no contexto familiar, da possibilidade de experimentação e posterior identificação e vinculação a uma determinada instituição religiosa, ou ainda pela vivência desinstitucionalizada da crença. Concluímos que as influências religiosas contribuem para que o jovem se posicione frente aos assuntos sociais e políticos, concordando e às vezes posicionando-se de forma crítica frente as posições da religião.

Palavras-chave: Juventude, Religião, Dimensão religiosa, Jovens universitários.

ABSTRACT

In this research, from an interdisciplinary perspective, we seek to analyze the meanings of the religious dimension in the experiences and understandings of young university students at the State University of Paraná (Unespar). For this purpose, we take into account the way in which young university students understand the religious dimension and how it is present in their experiences in different spheres of their life, such as the university, family and friends. We analyze semi-structured interviews conducted in 2017, with thirty young academics from four Unespar undergraduate courses: Philosophy, Geography, History and Pedagogy, distributed in five university campuses: Apucarana, Campo Mourão, Paranaguá, Paranavaí and União da Vitória. The analysis included records of the transcribed interviews, in order to get in touch with the data collected and to observe elements that evidenced the relationship of the youngsters with the religious dimension, which culminated in the construction of three thematic axes, as follows: the youth's trajectory and connections to religion; young people's understandings of religion; youth perspectives on the relationship between religion and politics. The results show that religion is a significant element in the composition of the youth's identity and that they experience it from the tradition engendered in the family context, from the possibility of experimentation and subsequent identification and connection to a certain religious institution, or even through the deinstitutionalized experience of their beliefs. We conclude that religious influences contribute for the youngsters to take a stand against social and political issues, agreeing and sometimes taking a critical stand against the positions of religion.

Keywords: Youth, Religion, Religious dimension, Young university students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: APONTAMENTOS SOBRE JUVENTUDES E RELIGIÃO: CONSTRUINDO A PESQUISA	16
1.1 Juventudes: apontamentos a partir da literatura	16
1.2 Juventudes e religião: discussões teóricas	24
1.3 Apresentando a pesquisa com jovens universitários da Universidade Estadual do Paraná	37
CAPÍTULO 2: A DIMENSÃO RELIGIOSA PARA OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS: TRAJETÓRIAS, COMPREENSÕES E INTERLOCUÇÕES COM A POLÍTICA	46
2.1 “Foi de criação mesmo”: trajetória e vinculações do jovem à religião	48
2.2 “A gente tem que ter uma fé maior do que a gente”: as compreensões do jovem sobre a religião	55
2.3 “Uma coisa não se mistura com a outra!”: perspectivas juvenis sobre a relação entre religião e política	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE	82

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, evidencia-se o crescente número de grupos juvenis em prol de objetivos comuns em diferentes contextos. Tais formações coletivas propulsionam especulações sobre o posicionamento dos jovens frente a assuntos diversos. Podemos mencionar, como exemplo do protagonismo juvenil em nossa história recente, mobilizações que representam o comprometimento político e social do jovem com aquilo que acredita. As Jornadas de Junho, em 2013, são um exemplo, e reflete a formação de grupos em prol, inicialmente, de melhorias nas tarifas do transporte público brasileiro, e que, ao se alastrarem, contribuíram para que a população brasileira expusesse sua indignação acerca de diversas questões, como a corrupção, a gestão de recursos públicos, entre outros, exigindo uma reforma política no país. A chamada Primavera Secundária, ocorrida em 2013, também explicita a atuação dos jovens em sociedade, uma vez que estes, objetivando impedir o fechamento de várias escolas estaduais pelo país e o consequente sucateamento da educação, ocuparam as instituições públicas e expuseram suas opiniões sobre o tema. Em 2016, o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff (PT), mais uma vez, destacou a participação dos jovens a fim de preservar a Democracia. Já a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) destaca a atuação dos jovens em sociedade a partir de um viés religioso, uma vez que é um evento de alcance mundial e que é realizado para e com os jovens católicos, mas que se estende a outros de religiões diferentes. Quando ocorreu no Brasil, em 2013, reuniu cerca de 3,7 milhões de jovens que representaram seu país e vivenciaram momentos de evangelização e oração.

Autores como Mayorga, Marcial e Aguilera (2013) sublinham que, no Brasil, tais manifestações juvenis demonstram a relação do jovem com questões diversas, como a política, as instituições, o Estado. O comprometimento do jovem com as questões sociais faz com que este legitime sua capacidade de participar da construção de projetos e políticas públicas que favoreçam a própria juventude ou, ainda, elementos que a compõem, como a família, a educação e as instituições de modo geral.

Logo, é possível considerar que os jovens são sujeitos que atuam em sociedade e, ainda, que há uma pluralidade de opiniões e posicionamentos que norteiam suas intervenções em diferentes contextos sociais. Na política, por exemplo, podemos mencionar a busca do jovem por novas formas que o represente, pois este se encontra descrente frente a instituições socialmente cristalizadas, hierárquicas e burocratizadas, como no caso de partidos políticos.

Por isso, considerado a sociedade como dinâmica, alguns posicionamentos juvenis tomam outras formas e significados, o que interfere na construção da subjetividade juvenil (CASTRO, 2016).

Partindo disso, Carrano (2012) destaca a importância de abandonarmos uma concepção biologicista sobre o jovem, o que implica no aceite de abordagens psicológicas e sociológicas que conduzam às compreensões sobre juventude a partir de um viés histórico e social. Deste modo, o exercício da subjetividade juvenil deve ser visto ao mesmo tempo como um processo individual e também social, cultural e histórico, de modo que, para a composição de nossa pesquisa, levaremos em consideração esta concepção sociológica sobre o jovem.

Ainda neste sentido, quando pensamos em subjetividade, estamos considerando um arranjo de elementos que a constitui. Dentre estes, nos propomos a estudar a dimensão religiosa na constituição identitária dos jovens, uma vez que a relação entre juventude e religião também deve levar em consideração a multiplicidade ou as inúmeras facetas e atuações que os jovens podem apresentar em determinados contextos, como na Universidade, que pressupõe construções prioritariamente científicas. Pontuamos que, além das instituições religiosas, que também podem oportunizar o exercício destes elementos, a relação do jovem com sua religião pode receber significações próprias, o que indica que o jovem exerce sua religiosidade de maneira singular.

Utilizamos o termo religião, entre outras definições possíveis e também plausíveis, para designar um esforço para constituir o mundo como humanamente significativo, afastando o caos, a desordem, a anomia, ao propor um conjunto racionalizado de doutrinas e práticas definido e alimentado por uma determinada denominação ou instituição religiosa (BERGER, 1985; TIMM et al., 2016). Ao mesmo tempo, nos referimos à religiosidade como o modo que os sujeitos vivenciam a busca individual pelo sagrado, materializada em práticas, crenças e convicções, que pode ou não ser mediada pelas instituições religiosas, e que é comumente constituída pelas experiências subjetivas em contato com diferentes práticas e tradições religiosas (MANOEL, 2007).

Em vista do exposto, nossa pesquisa parte da seguinte problemática: quais os sentidos que a dimensão religiosa adquire nas vivências e compreensões dos jovens universitários dos cursos de Licenciatura (Filosofia, Geografia, História e Pedagogia) de cinco campi (Apucarana, Campo Mourão, Paranavaí, Paranaguá e União da Vitória) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar)? Com isso, objetivamos analisar se e de que formas a dimensão religiosa se faz presente nas compreensões e vivências de jovens universitários de cursos de licenciatura da Unespar. Para tanto, buscamos discutir a temática a partir de uma perspectiva

interdisciplinar, pontuando dois objetivos específicos: identificar como os jovens universitários compreendem a dimensão religiosa; analisar se e de que forma a dimensão religiosa se faz presente nas vivências dos jovens na universidade e em outras esferas de sua vida, como a família e os amigos.

Esta pesquisa vincula-se ao Programa de Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) e à sua linha de pesquisa Formação humana, processos socioculturais e instituições. A estrutura deste programa se relaciona com minha formação inicial, em Psicologia, pois este curso, como uma das possibilidades de análise, foca no comportamento dos sujeitos e suas diversas relações interpessoais em diferentes cenários. Neste contexto, propomos uma pesquisa que leve em consideração a formação plural de determinados sujeitos que atuam em diferentes contextos sociais, e, por consequência, estabelecem relações diversas. Logo, quando pensamos na linha de pesquisa à qual este trabalho está vinculado, levamos em consideração a construção da juventude por um viés complexo e que se constrói a partir de diferentes relações, sejam elas políticas e/ou universitárias e/ou institucionais. Ainda neste sentido, a pesquisa converge com a proposta interdisciplinar, na medida em que, para que possamos investigar e compreender nosso objeto e suas possíveis relações, ou seja, suas vivências religiosas, devemos considerar diferentes perspectivas teóricas e disciplinares.

Morin (2003) e Alvarenga (2011) destacam a relevância da interdisciplinaridade para a construção social, pois pensar no mundo de forma multidimensional significa dizer que diversas disciplinas dialogam e se complementam em função de buscar alternativas e respostas para questões diversas. Sublinhamos, portanto, que relacionar diferentes disciplinas para tratar de determinadas temáticas faz com que ocorra o rompimento de fronteiras significativas para a construção do conhecimento (ALVARENGA, 2011). A abordagem interdisciplinar, nesta pesquisa, nos auxiliará a compreender a complexidade que há em relacionar juventude e religião, uma vez que pretendemos pensar sobre as diferentes formas e elementos que atravessam a relação do jovem com sua religião e com sua religiosidade.

Por isso, podemos dialogar com disciplinas como a Sociologia da Religião, Antropologia, Educação e História, pois contribuem para nosso entendimento a respeito da dinâmica social na qual o jovem está inserido e fornecem subsídios para pensarmos nas transformações deste em aspectos culturais, sociais e psicológicos. Acreditamos que estes elementos, atrelados às nossas percepções a respeito dos desdobramentos religiosos juvenis, podem contribuir para que possamos pensar nas vivências e concepções dos jovens. A Psicologia, campo científico do qual faço parte de modo mais íntimo, também contribui para

nossos estudos, pois nos elucidam acerca das construções identitárias e subjetivas dos jovens em meio aos elementos destacados anteriormente. Isto porque tais construções interferem substancialmente no modo que o jovem percebe o mundo e a si e, por consequência, interfere neste.

Cabe ressaltar que a pesquisa também está vinculada ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder da Unespar, o qual abarca estudos que contemplam as manifestações e inter-relações das temáticas juventude, religião e política, em diferentes contextos contemporâneos. As discussões e estudos semanais, fomentados pelo grupo, contribuem para o processo de descoberta e contato com um objeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que fornece subsídios teóricos para articulá-lo. Neste ponto, destaco a relevância do Grupo de Pesquisa para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico, pois, conforme já exposto, a integração entre os membros do grupo, que são de diferentes áreas do conhecimento, proporciona discussões sobre um mesmo objeto de pesquisa a partir de diferentes perspectivas, o que, sem dúvida, caracteriza um diálogo interdisciplinar, aspecto relevante à constituição de nossas pesquisas, uma vez estamos inseridos em um Programa de Pós-Graduação desta ordem. Pontuo que este movimento – de descoberta, diálogo e discussão a partir de diferentes vieses – é pertinente para que os projetos e pesquisas individuais, a partir de contornos coletivos, possam adquirir força e proporções que alcancem a esfera social.

Foi justamente através desta intervenção grupal que comecei a compreender os enlaces da produção científica e, por consequência, desenhar e construir meu objeto de pesquisa. Venho de uma formação na graduação que, apesar de nos levar a refletir sobre a relevância e a intensidade das relações sociais a partir de diferentes pontos de vista, ainda assim a considero disciplinar. Quando me propus a desenvolver um projeto de pesquisa, ainda em 2016, para meu ingresso em um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* interdisciplinar que teria início em 2017, ainda não tinha um objeto de pesquisa delineado. Minha proposta inicial era a de trabalhar com jovens universitários – já que sempre tive um certo apreço por este coletivo – a partir de uma perspectiva que não perpassava elementos religiosos e políticos, mas sim, tratava de investigar a trajetória dos jovens para seu encontro com a pesquisa científica.

Submeti meu projeto para a mesma orientação e linha de pesquisa na qual me encontro atualmente. Apesar de considerar a temática relevante, eu sabia que o projeto necessitava de muitos ajustes e delimitações, motivo este que acredito que não ingressei no mestrado em 2017, e fui classificada como suplente. No entanto, neste mesmo ano, fui convidada pelos futuros orientadores a participar do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder. De início, as discussões pareciam distantes da minha formação, o que me fazia refletir sobre qual

seria a melhor forma para incorporar as discussões ao meu projeto de pesquisa apresentado em 2017. Com o tempo, compreendi a dinâmica do grupo em relação aos objetivos de pesquisa, bem como a importância de sua existência para ancorar tanto as pesquisas em desenvolvimento como as novas ideias que surgiam e tomavam forma.

A participação junto ao Grupo de Pesquisa também me levou a cursar disciplinas do Programa como aluna especial. A partir do contato com estes contextos no decorrer de um ano, compreendi melhor do que se tratava cursar o Mestrado e reafirmei meu desejo em ingressar no PPGSeD. Mantive meu desejo em trabalhar com jovens, mas mudei meu foco de análise, já que minha participação no grupo oportunizou conhecer novas possibilidades de articular a temática juventude, como quando olhamos para esta a partir religião/religiosidade e suas implicações.

No final de 2017, construí um projeto que trabalhava com as percepções de jovens religiosos sobre as eleições de 2018. Sublinho que esta construção foi possível através da trajetória que realizei em um ano a partir da minha aproximação com este curso de mestrado, mas, essencialmente, a partir da contribuição dos colegas do Grupo de Pesquisa, pois a cada discussão semanal entre os membros ou mesmo em outros momentos, eu conseguia dar corpo à minha pesquisa. Em 2018, ingressei oficialmente no PPGSeD, optando pela mesma linha de pesquisa inicial e pelos mesmos orientadores, pois minha temática ia ao encontro de suas áreas de pesquisa. Meu projeto inicial sofreu alguns ajustes, mas não perdeu a ideia principal, pois continuei trabalhando com juventude e religião.

Hoje tenho claro que em um Grupo de Pesquisa promove-se a construção de alianças que oportunizam a formação e o crescimento de novos pesquisadores. Sinto-me satisfeita de poder associar a minha inserção no mestrado a partir da contribuição de outros pesquisadores, pois entendo que as investigações não se originam e se desenvolvem individualmente, mas sim a partir de diferentes interações que somos submetidos ao longo de nossa história, ou que leva uma pesquisa a ser contínua e, em alguma medida, coletiva.

Tendo em vista a relevância de um trabalho coletivo para a construção de novas pesquisas, para a realização de nossa investigação, partimos da análise de entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas no ano de 2017 por alunos do mestrado (PPGSeD) e da iniciação científica desta Universidade, e que também compõem o Grupo de Pesquisa mencionado. Assim, os dados que estamos utilizando foram coletados pelos membros do grupo, por ocasião de uma investigação mais ampla. Para que pudéssemos entrar em contato com as questões que trabalhavam com a religião ou a religiosidade do jovem, realizamos

fichamentos de cada entrevista, o que nos oportunizou perceber a existência de alguns eixos temáticos que ponderamos serem importantes para esta fase da pesquisa.

Organizamos este texto em dois capítulos, sendo que, no primeiro, tratamos de apresentar apontamentos sobre juventude, jovens universitários e suas relações com a religião ou sua religiosidade. Para tanto, tratamos de visitar textos que tratam da temática proposta e que subsidiaram teoricamente nossas discussões. De todo modo, tratar sobre juventude e religião toca em uma esfera sensível, porém importante nas discussões atuais, uma vez que refletem uma das formas que é ser jovem na contemporaneidade. Ademais, apresentamos como se estrutura a pesquisa em relação aos objetivos e à metodologia.

No segundo capítulo, destacamos a interação existente entre religião e/ou religiosidade para a composição de identidades juvenis, e apresentamos e analisamos os dados coletados nas entrevistas aplicadas no ano de 2017, organizados em eixos temáticos que, além de convergirem com a temática da pesquisa, estão relacionados entre si a partir das interações entre política e religião, e do posicionamento dos jovens diante da temática.

Nosso primeiro eixo temático, intitulado: *“Foi de criação mesmo”: trajetória e vinculações do jovem à religião*, reflete, em linhas gerais, sobre as formas com que o jovem vinculou-se a uma determinada religião e de como vivencia sua crença. Para tanto, tratamos de pensar sobre a possibilidade ou não de vivenciar uma religiosidade institucionalizada e como isso se relaciona com a pluralidade. No eixo seguinte, intitulado *“A gente tem que ter uma fé maior do que a gente”*: *as compreensões do jovem sobre a religião*, nos preocupamos em discutir sobre o modo como cada jovem articula seu trajeto religioso em sociedade, levando em consideração o esforço das instituições religiosas em atrair cada vez um número maior de jovens. Por fim, o último eixo *“Uma coisa não se mistura com a outra!”*: *perspectivas juvenis sobre a relação entre religião e política*, trata de como política e religião se relacionam na sociedade, articulações que são analisadas a partir das compreensões expressas pelos próprios jovens universitários. Para tanto, as discussões realizadas nos eixos anteriores são importantes, pois contribuem para as nossas análises em termos de pensarmos na religião nos espaços públicos e de como o jovem lida com esta questão. Especificamente, neste caso, tratamos do aborto, por ser uma temática que perpassa pautas tanto religiosas como públicas, e desperta disputas de poder entre diferentes grupos.

Em suma, gostaríamos de salientar que este trabalho foi importante para que pudessemos compreender os enlaces teóricos com as narrativas dos jovens pesquisados, o que reforça, mais uma vez, a relevância da temática, bem como sua pertinência, considerando que, no século XXI, a religião está cada vez mais presente nas decisões do Estado, mesmo que esse

se estruture como laico. Não podemos nos esquecer que muitas agendas políticas tratam de assuntos sociais, mas que também são discutidos nas instituições religiosas, de modo que estas, muitas vezes, intervêm em tais pautas, seja por meio de políticos religiosos, religiosos políticos ou de grupos religiosos.

Neste enquadre, podemos perceber que há significativas disputas de poder, marcadas pela intolerância e agressividades de todas as naturezas. Por outro lado, pensar na união entre política e religião também nos leva a refletir sobre a possibilidade de estruturar políticas públicas que possam suprir os desafios sociais contemporâneos.

CAPÍTULO 1

APONTAMENTOS SOBRE JUVENTUDES E RELIGIÃO: CONSTRUINDO A PESQUISA

Neste capítulo, temos como objetivo apresentar a estrutura e a relevância da pesquisa a partir do debate teórico sobre juventude e religião, ancorando-nos em algumas discussões que abordam essa temática e que, de alguma forma, ajudam a pensar a problemática de nossa investigação. Buscamos expor um panorama geral sobre o que estamos considerando por juventude, ponderando as particularidades desta parcela da população, e traçamos os enlaces entre juventude e religião, relacionando-os com o contexto universitário, a partir da apresentação de uma discussão sobre os tipos de vinculação religiosa que se apresenta neste conjunto.

Para tanto, levamos em consideração algumas perspectivas das Ciências Humanas e Sociais acerca de juventude, as quais entendem os jovens como sujeitos que não se caracterizam estritamente por sua faixa etária, mas se constituem a partir de suas construções subjetivas e socioculturais, em diálogo com dimensões como a política, educação e religião, que estão presentes em diferentes contextos sociais, dentre eles o universitário. A partir da compreensão dos jovens enquanto sujeitos plurais, abordamos a religião como um elemento que faz parte de sua constituição identitária e que, portanto, pode ser vivenciada de maneira particular e não se apresentar, necessariamente, em sua forma institucional. Em vista disso, problematizamos breves apontamentos sobre diferentes formas de vinculação religiosa, que, na contemporaneidade, apresentam-se mais fluidas e menos institucionalizadas do que o eram em outros períodos históricos. Em seguida, na segunda parte deste capítulo, apresentamos o método utilizado para a coleta de dados da pesquisa, bem como os procedimentos adotados para a compreensão dos mesmos.

1.1 Juventudes: apontamentos a partir da literatura

Nesta seção, expomos algumas noções a respeito do entendimento de juventude, a partir do viés interdisciplinar e da reflexão de alguns autores que abordam esta temática, buscando, ainda, apresentar as formas de relação do jovem com a dimensão religiosa na contemporaneidade. Para tanto, apresentamos o que estamos considerando por juventude e como entendemos as identidades juvenis.

Antes de adentrarmos nas contextualizações sobre juventude, gostaríamos de destacar a conveniência de estudarmos este grupo a partir da perspectiva interdisciplinar. Morin (1996) fala dos benefícios de nos abastecer de um viés complexo para que possamos entrar em contato com aquilo que nos circunda, até porque leis e ideias simples significam lidarmos com elementos fragmentados, o que já não é suficiente para que possamos manejar as ações e interações existentes no mundo contemporâneo. Logo, Morin (2005) destaca que as disciplinas estratificadas e isoladas representam, justamente, esta impossibilidade de lidarmos com as situações complexas que estão expostas, uma vez que a perspectiva disciplinar compreende os fenômenos de forma fragmentada. Considerando que o contexto em que vivemos é o resultado de um emaranhado de diferentes elementos, os estudos complexos e interdisciplinares tornam-se necessários.

O próprio desenvolvimento disciplinar das ciências, ao mesmo tempo em que organiza as partes especializadas para que se tenha um todo organizado, faz com que haja o enclausuramento do saber, além de distanciar o pesquisador de seu objeto de estudo, haja vista que, neste enredo, há uma forte tendência para o anonimato dos seres humanos (MORIN, 2005). Najmanovich (2001) alerta que no discurso da modernidade encontra-se presente um sujeito abstrato e, portanto, pontua para a necessidade da existência de um pesquisador que seja um “sujeito encarnado”, ou seja, que esteja presente de maneira ética naquilo que produz, considerando que há uma impossibilidade de distanciamento ou neutralidade do sujeito com seu contexto, mesmo que este seja seu universo pesquisado.

Deste modo, reforçamos a pertinência da interdisciplinaridade para a compreensão de assuntos que são formulados por diferentes elementos, ou seja, são complexos como quando pensamos nos estudos que versam sobre os jovens. Os estudos sobre a definição do conceito de juventude e, mais ainda, sobre os significados atribuídos à juventude na sociedade, florescem a partir de um trajeto desconstrutivo e construtivo de compreensões e entendimentos diversos, os quais não deveriam ser reduzidos a um entendimento disciplinar, até porque estaríamos considerando apenas facetas específicas da juventude, sendo que, na realidade, devemos considerar as possíveis origens das narrativas dos jovens, para que possamos adentrar em questões complexas (PAUL, 2011).

Deste modo, percebemos que os jovens que estamos estudando nesta pesquisa não adquirem apenas uma função social, mas possuem uma multiplicidade de comportamentos e compreensões que se entrelaçam entre si, o que formula laços sociais de diferentes ordens, como políticos, religiosos, familiares e acadêmicos. Deste modo, a interdisciplinaridade contribui para que possamos conceber os jovens a partir de uma ótica diversa – já que há o

diálogo entre diferentes disciplinas sobre uma mesma questão – e ao mesmo tempo coesa. Por isso, um estudo disciplinar, na pesquisa que estamos desenvolvendo, poderia não contribuir para que pudéssemos considerar as diferentes relações e facetas que o jovem pode assumir diante de nossa problemática proposta, até porque não estamos nos restringindo a discutir somente aspectos religiosos, mas também sociais, históricos, políticos e antropológicos. Neste enredo, tratamos de dissertar, na sequência, sobre alguns aspectos que envolvem a juventude a partir de diferentes teóricos.

Para Carrano (2012), a juventude, desde a disseminação da escola de massas na Europa no século XVIII, é vista como um momento da vida identificado por uma esperativa formativa que prepara o sujeito para a entrada na vida adulta. Esta percepção induz a pensar sobre qual a proeminência e o significado do jovem em sociedade, uma vez que podemos entendê-lo como aquele que ainda não é, mas como um vir a ser, perspectiva que pode engendrar-se a partir de parâmetros etários. Esclarecemos que não pretendemos nos pautar nesta compreensão para adentrar as discussões acerca da juventude, todavia, torna-se necessária esta elucidação para que possamos construir a concepção de juventude que adotamos neste trabalho.

Em seus estudos, Feixa e Nilan (2009) ressaltam justamente seu interesse em explorar a juventude para além de critérios etários. Os autores frisam que há uma longa escala cronológica (12-35 anos) que incorpora o que entendem por juventude. Todavia, sua compreensão sobre a temática não se restringe somente a determinados padrões que a faixa etária propõe à juventude, mas sim nas formas de interação do jovem com um mundo globalizado, que pressupõe diferentes formas de expressão social, desde a construção das identidades juvenis, como as próprias trajetórias do jovem neste contexto.

As percepções de Margulis e Urresti (1996) aproximam-se às de Feixa e Nilan, na medida em que também compreendem que a idade é um eixo ordenador que interfere nas atividades sociais, no entanto, quando se trata de infância e juventude, os marcadores etários esbarram na dificuldade de delimitar e definir imperativamente o que está às voltas destas fases do desenvolvimento, uma vez que os autores consideram estas categorias como imprecisas. Neste contexto, Margulis e Urresti (1996) mencionam que algumas características culturais, como trabalhar, casar e ter filhos, podem marcar a transição da juventude para a vida adulta. No entanto, Feixa e Nilan (2009) alertam que, no momento atual, a juventude encontra-se mais dilatada, o que representa que não necessariamente alguns ritos de passagem marcam o fim da juventude, até porque esta se encontra mais expansiva do que em gerações anteriores. Assim, deve-se levar em consideração a participação cultural juvenil.

Diante de tais ponderações, podemos pensar que quando a juventude é entendida a partir de bases biológicas, que consideram os comportamentos juvenis como próprios de uma determinada faixa etária, os elementos socioculturais, que também atravessam a constituição do sujeito, são deixados em segundo plano. Carrano (2012) expõe que os aportes sociológicos entendem a juventude por um viés além da concepção biológica, o que interfere no modo de conceber e interpretar o lugar do jovem na sociedade. Neste contexto, a juventude e os comportamentos do jovem passam a ser objetos de interesse e de estudo, no que tange às suas representações, experimentações e articulações sociais.

A partir desta ideia, Feixa e Nilan (2009), assim como Margulis e Urresti (1996) expõem que a juventude está associada a uma multiplicidade de situações sociais que esta etapa da vida pressupõe. Por consequência, existem diferentes maneiras de ser jovem, já que os marcos históricos, sociais, temporais e culturais se manifestam de maneira diversa para cada jovem e espaço. Ainda neste sentido, Feixa e Nilan fazem uso do conceito de hibridização, que se refere à forma com que diferentes elementos interagem e influenciam-se, sugerindo uma tendência de que diferentes aspectos culturais não se restrinjam apenas a um grupo social, mas afetam outras constituições. Com isso, os autores destacam a necessidade de compreender não apenas as interações sociais, mas também suas influências para a constituição da juventude em diferentes cenários.

Ao pensarmos a partir desta ótica, não podemos deixar de considerar que as sociedades contemporâneas, a partir de um referencial qualitativo, podem ser consideradas voláteis, por apresentarem mudanças em diferentes esferas sociais (CARRANO, 2012). Os jovens, inseridos neste contexto, não são simplesmente agentes passivos dos processos sociais, mas podem atuar como protagonistas, a partir de suas contribuições e trocas estabelecidas entre seus pares e as instituições.

Neste cenário, Dayrell (2003) argumenta que, dentre as inúmeras facetas que o jovem pode assumir em diferentes contextos, são as interações sociais que os impulsionam a serem jovens cotidianamente. Sendo assim, a juventude pode ser entendida como uma construção que está integrada a uma diversidade de representações sociais e, ainda, a diferentes elementos que atravessam seu desenvolvimento, como as mudanças psicológicas e físicas.

Para o autor:

Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse

processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p. 42).

Portanto, é válido entender a juventude como um momento da vida que deve ser visto além de um período específico e isolado, pois está imerso em um ambiente dinâmico que favorece as trocas, de forma que o jovem pode ser destituído de sua definição limitada de vir a ser. Quando tratamos de um jovem que está inserido em um determinado contexto histórico e cultural, o entendemos como sujeito social. Dayrell (2003) expressa a possibilidade de entendermos o conceito de juventude a partir de “juventudes”, já que este termo retrata a diversidade de jeitos, gostos, comportamentos que estão integrados e representam o que é ser jovem nos dias de hoje.

É válido ressaltar que, conforme propõe Claudia Mayorga (2017), o termo “juventudes” não deve exprimir apenas um entendimento do jovem a partir de sua diversidade, mas também das desigualdades que marcam as vivências juvenis – sobretudo em nosso país –, de forma que é necessário estarmos atentos sobre o lugar de onde o jovem está falando, pois isto também compõe a forma que o jovem se expressa frente às situações sinuosas que compõem uma sociedade. Ao tematizar, por exemplo, a relação entre juventude e política, a autora assim expressa:

Nesse exercício de olharmos para o que a sociedade reproduz, de enquadrar o jovem em um conjunto de estereótipos ou de posições limitados, também acontece, muitas vezes, uma invisibilidade de um conjunto de experiências que a juventude vivencia e que acabam não sendo consideradas. Se for pensar nos jovens negros, nos jovens indígenas, nos jovens LGBTs, nos jovens encarcerados, são “juventudes” – e eu não estou falando juventudes no plural simplesmente para falar de uma diversidade, mas muito mais para apontar desigualdades. Então, todo esse controle que se tem sobre a relação entre juventude e política feita pela sociedade, pela família, e que as instituições muitas vezes produzem, vai se dar de formas diferenciadas nesse conjunto de jovens: universitários, das periferias, indígenas e também as jovens feministas, que vão interpelar outro conjunto de valores (MAYORGA, 2017, p. 15).

Sobre esta questão, que trata da pluralidade juvenil, Feixa e Nilan (2009) e Margulis e Urresti (1996) concordam que juventude é mais do que uma palavra, e que possuem representações e sentidos diferentes dependendo do contexto histórico em que são problematizadas. Por isso, a compreensão da juventude e suas diferentes nuances rompe com o entendimento de que basta acrescentarmos a letra “s”, transformando juventude em “juventudes”. É necessário aprofundarmos os estudos sobre esta questão. Os referidos autores

destacam que compreender a juventude é bem mais do que modificar sua grafia, mas entender a dimensão que este fato assume, na medida em que, apesar de tratarmos de diferentes modos de ser jovem, devemos nos atentar para o lugar de fala de cada sujeito que trabalha com a juventude e, mais ainda, entender que, apesar de trocas híbridas entre diferentes aspectos culturais, na maioria das vezes, estamos tratando de uma juventude constituída a partir de bases ocidentais. Por isso, devemos considerar diferenças culturais e geracionais, o que nos fornece subsídios para ponderar que a juventude está em constante desenvolvimento e, por isso, não deveríamos categorizá-la como uniforme e/ou estanque.

Reforçando este entendimento, Margulis e Urresti dizem que:

Es frecuente, en algunos estudios, observar un fuerte énfasis en el aspecto significativo, hasta el punto que se llega a desmaterializar el concepto juventud, a desvincularlo de aspectos historizados que están contenidos en el espesor de la palabra y en todo lo que ella alude. Como puede suceder en algunos enfoques culturalistas, cuando el aspecto signo invade la totalidad de un fenómeno social, lo fragmenta y, por ende, lo empobrece. La juventud, como toda categoría socialmente constituida, que alude a fenómenos existentes, tiene una dimensión simbólica, pero también debe ser analizada desde otras dimensiones: se debe atender a los aspectos fácticos, materiales, históricos y políticos en que toda producción social se desenvuelve (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 2).

Portanto, devemos considerar que a estrutura da sociedade, no tocante às relações sociais, interfere em tempos e espaços e, conseqüentemente, afetam elementos tanto privados quanto públicos da vida dos jovens (SPOSITO; TARÁBOLA, 2017). Ao considerar que o jovem está inserido neste padrão societário, podemos pensar sobre sua fluidez e mutabilidade, pois este pode se manifestar a partir de diferentes formas de expressão e de identidades (UNESCO, 2004).

Quando tratamos o jovem a partir destes aspectos, entendemos que este tem voz, vez e lugar. Groppo (2017) assinala que o jovem pode atuar na esfera pública em diferentes segmentos, como na escola, na política, no trabalho. O autor, assim como Dayrell (2003), fala de um sujeito social que possui capacidade de intervir nestes e em outros segmentos, a fim de criar ou modificar algumas perspectivas que abarquem os interesses dos jovens, como a criação de políticas públicas juvenis.

É a partir destas concepções sobre jovens/juventude que procuramos ancorar nossas discussões nesta pesquisa, isto é, tratando-os enquanto sujeitos que se estabelecem como operantes em sociedade, e que fazem parte de uma dialética social que os toma como sociais e plurais. Partimos do entendimento de que a juventude não se restringe a ser uma fase

transitória na vida dos sujeitos, mas sim um momento da vida em que também é possível ser protagonista.

Deste modo, quando tratamos o jovem enquanto plural, entendemos que suas vivências e subjetividade são interpeladas por um leque de fatores e elementos, dentre eles, a religião ou a religiosidade. Godinho, Carvalho e Souza (2014) salientam que a religião é um dos elementos que contribui para a formação subjetiva dos jovens. Isto significa dizer que o jovem tem a liberdade de experienciar a religião a partir de suas particularidades e identificações, mas que, devido a uma ética comunitária, o social ainda ecoa em tais experimentações.

Estes autores ainda instigam a reflexão sobre a relevância da religião como um dos elementos formadores da subjetividade. Para eles, a juventude atrelada à religião abre margens para pensarmos sobre a multipluralidade dos jovens, existente em diferentes contextos que requerem transformações. Isto porque os ambientes religiosos frequentemente vêm sendo escolhidos pelos jovens que desejam atuar e transformar certa realidade, como os espaços políticos (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014).

No tocante às construções subjetivas e identitárias dos jovens, consideramos necessário destacar que desenvolvemos nossas discussões a partir das bases das Ciências Sociais e da Psicologia. Para uma perspectiva desta última disciplina, tratar sobre estes dois elementos requer o exercício uma postura ontológica, uma vez que nem sempre a Psicologia adotou discussões acerca da formação da subjetividade, pois, quando olhamos para o início da história da Psicologia, que preconizava a observação do comportamento tal como ele se apresentava, a subjetividade ou as questões internas dos sujeitos não eram alvos de investigação (MAHEIRIE, 2002; MOREIRA; SILVEIRA, 2011).

A Psicologia Social é um exemplo de ramificação que foi fortemente influenciada a partir da dialética marxista, e que trata a respeito de alguns aspectos estruturais e constitutivos da subjetividade. A Psicanálise também foi fundamental para a absorção das discussões acerca deste tema pela Psicologia, uma vez que os estudos de Freud e, posteriormente, de Lacan, entendem o sujeito como aquele que é assujeitado ao seu inconsciente e suas mazelas (MAHEIRIE, 2002; MOREIRA; SILVEIRA, 2011). Essas perspectivas, nessas condições, pouco contribuem para nossa investigação, haja vista que, apesar de discutirem sobre esta questão, não pretendemos nos aprofundar em aspectos estruturais e dos processos envolvidos em sua construção, mas sim, neste momento, esclarecer o que estamos entendendo por subjetividade.

Há ainda uma compreensão psicológica a respeito da constituição da subjetividade e das identidades que consideramos ser mais adequada para direcionar nossa pesquisa, pois esta preocupa-se em compreender a dialética existente entre o ser humano e suas relações sociais. Deste modo, as identidades, enquanto constituição do sujeito, representam uma dimensão inacabada. Nesta perspectiva, tanto subjetividade como objetividade referem-se a uma extensão deste sujeito que se encontra em constante movimento, e que depende das relações vivenciadas e das trocas afetivas e reflexivas para existir e produzir significados coletivos e individuais (MAHEIRIE, 2002).

Em uma perspectiva das Ciências Sociais, podemos mencionar que a subjetividade, ou a própria concepção de sujeito, estrutura-se a partir da diferenciação de indivíduo, de modo que o sujeito é entendido a partir de seus enlaces históricos. A identidade (ou identidades), nesta perspectiva, permite mudanças substantivas, históricas e contextuais, sendo que estas não são isoladas, mas fazem parte de alicerces interdisciplinares que perpassam análises de disciplinas como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia e a História (LOPES, 2002). Ainda conforme Lopes,

O nó górdio de interpretação da identidade ainda situa-se nas relações que vinculam a pessoa, o indivíduo e/ou o sujeito aos movimentos que permitem apreender seus registros, como manifestação de uma consciência de pertencimento, de motivações racionais de ação, ou de constituição de lugares do humano, como experiência cultural (LOPES, 2002, p. 20).

As compreensões apresentadas são relevantes para que possamos nortear nossas exposições acerca das concepções sobre a juventude. Ao levarmos em consideração a relação entre juventude e sociedade para a formação subjetiva, consideramos a religião enquanto um elemento formativo e constitutivo desta, já que, além de ser vivenciada em nível particular e subjetivo, tem suas influências históricas, culturais e sociais.

Deste modo, ao nos aproximarmos dos processos de formação subjetiva dos jovens e da importância de suas interações sociais, podemos pensar que as formas com que estes se relacionam com sua religião ou religiosidade podem estar relacionadas ao modo como a contemporaneidade se apresenta e que, por isso, a religião é (re)significada para cada sujeito de modo particular, levando em consideração suas vivências e interações (NIGRI, 2010).

As várias formas de ser jovem que despontam no horizonte contemporâneo potencializam a interação do jovem com sua religiosidade de um modo potente e original em relação a outros períodos. A ruptura da tradição religiosa, ocorrida na metade do século XX, modificou o entendimento sobre a religião, e isto nos ajuda a pensar que os jovens, no

contexto contemporâneo, preconizam serem testemunhas do sentido, ou seja, ter liberdade para vivenciar sua crença de forma livre e individual em relação aos próprios símbolos e instituições religiosas. Portanto, há uma forte presença de uma pluralidade religiosa, considerando que, através de novas formas de experienciar a fé, a juventude contemporânea circunscreve na história novas formas de ser jovem e de vivenciar suas crenças (GODINHO; SOUZA, 2006).

Portanto, nas instituições religiosas da contemporaneidade, os jovens podem manifestar sua subjetividade e, ao mesmo tempo, desenvolver sua identidade, fé e/ou crenças, defendendo suas concepções e valores pessoais, os quais são refletidos através de sua militância e engajamento em diferentes modalidades religiosas (NIGRI, 2010).

Após tais exposições, reafirmamos que nossos objetivos, nesta seção, eram o de apresentar o modo como diferentes teóricos concebem a juventude, o que acreditamos ter contribuído para fundamentar as perspectivas a partir das quais estamos tratando a juventude em nossa pesquisa. Para tanto, enfatizamos que as concepções adotadas neste tópico, e em todo o seguimento do trabalho, debruçam-se sobre uma visão complexa, uma vez que entendem os jovens enquanto sujeitos formados a partir de diferentes nuances contextuais. Deste modo, apresentamos, de forma preliminar, a religião ou a religiosidade enquanto dispositivos que contribuem para a formação subjetiva dos jovens. Cumpridos tais objetivos, procuramos apresentar e discutir de forma mais extensa, no tópico a seguir, algumas relações e significados que o jovem atribui à sua crença, a partir das problematizações que a literatura tem apresentado em torno da interface juventude e religião.

1.2 Juventudes e religião: apontamentos teóricos

Nesta seção, buscamos relacionar juventude e religião, a fim de compreender de que forma esta dimensão interfere nas vivências e, por consequência, na constituição das identidades do jovem em diferentes cenários, dentre eles o universitário, foco principal de nossa pesquisa. Desta forma, levamos em consideração os novos arranjos religiosos, que pressupõem a religião menos institucionalizada e que, por isso, está mais relacionada ao significado que cada sujeito lhe atribui e vivencia sua crença. Acrescentamos que, para compor tais discussões, destacaremos, em um primeiro momento, aspectos a respeito da

contemporaneidade e da religião para, na sequência, apresentar um compilado de diferentes pesquisas¹ que abordam as intersecções entre juventude e religião.

Novaes (2016) expõe que ser jovem atualmente representa a aparição de novos códigos e sentidos, se comparado a gerações anteriores. Até por isso, “para compreender o que significa ‘ser religioso’ entre jovens de hoje, é preciso levar em conta a condição juvenil atual, as distintas situações vividas pelos jovens e um conjunto de mudanças sociais inter-relacionadas” (NOVAES, 2016, p. 233).

Devemos levar em consideração que as religiões sofreram mudanças significativas ao longo do tempo, na medida em que passaram a se reconfigurar devido a condições socioespaciais e culturais. No Brasil, o catolicismo é um exemplo de crença que sofreu mudanças devido ao contexto em que está inserido, uma vez que, se em 1970 representava a expressão do modo de vida do povo, foi perdendo esse protagonismo a partir da proliferação de denominações pentecostais, principalmente pela redução do número de fiéis, o que destaca as interferências sociais nas religiões (NOVAES, 2016).

É inegável que, no Brasil, podemos encontrar diferentes elementos culturais que, ao entrelaçarem-se, conferem aos sujeitos fluidez e heterogeneidade nas relações e vivências, e, ao mesmo tempo, uma identidade coletiva. É a partir desta via plural brasileira que podemos observar a diversidade entre as crenças e na própria crença, o que representa um crescimento significativo de diversas formas de crer, dentre elas, o pentecostalismo (LIMA, 2019). As eleições de 2018, para nos determos somente em um caso ilustrativo, representam um marco importante para endossar esta questão. O protagonismo pentecostal observado no referido ano eleitoral evidencia o desejo dos evangélicos em fazerem parte da política nacional e de inscreverem, na história do país, seus próprios valores, a partir do apoio dirigido a Jair Messias Bolsonaro, figura pública que alimenta o desejo de poder e domínio sobre discussões de ordem pública, a partir de um jogo ideológico e religioso, que é mascarado por um discurso voltado à manutenção da “moral e dos bons costumes” e que centraliza determinada crença religiosa (RIVERA; FIDALGO, 2019).

¹ A fim de ancorar nossas discussões e manter contato com o que a literatura tem apresentado até o momento acerca da temática proposta, realizamos uma busca sistemática de pesquisas publicadas e indexadas em diferentes bases, cuja temática central estivesse relacionada a jovens universitários e religião. Para tanto, consultamos bases como o Google Acadêmico, a base de dados da Scielo e o Banco de Teses da Capes. Identificamos dezoito pesquisas, considerando o recorte temporal de 2014 a 2019, e com base nos seguintes descritores: jovens universitários e religião; juventude e religião. Ademais, atentamo-nos também para a atualidade de alguns trabalhos já conhecidos e relevantes sobre a temática, aos quais nossas discussões foram articuladas.

Mariano (2016) destaca que a descentralização de crenças religiosas na Europa Ocidental, a partir da Reforma Protestante, permitiu a liberdade religiosa. A religião deixou de ser um componente da vida dos sujeitos que era exercida apenas devido a uma herança familiar. Ao contrário, passou a ocupar um lugar particular na vida de cada um, pois a pertença e vivência religiosa passaram a ser uma escolha individual que parte de princípios norteadores como a identificação com certa crença. Para o autor, não ter religião também é reflexo do advento da autonomia e do pluralismo religioso.

A contemporaneidade traz, em seu cerne, a característica de reconfigurar as relações entre os sujeitos e instituições, de modo que o pluralismo religioso pode e deve ser pensado a partir desta ótica. Bauman (2003) trata desse período a partir do conceito de modernidade líquida, haja vista que as relações e o enredo que a cerca são mutáveis. A partir desta noção, o autor sinaliza uma sociedade em que os sujeitos deveriam sentir-se confiantes e seguros, mas que, na realidade, sentem-se sozinhos, inseguros e desamparados, devido à hostilidade e às transformações pelas quais passa o contexto social. A busca pela segurança faz com que os sujeitos percam a liberdade, já que, para manterem-se seguros, isolam-se do mundo e abdicam de situações que possam gerar insegurança. Deste modo, há uma tensão entre a vivência em comunidade e a individualidade, o que reflete nas relações cotidianas através, por exemplo, da manifestação de comportamentos invasivos e agressivos de um sujeito a outro.

Nesta sociedade, o sujeito se posiciona como aquele que tem condições de mudar sua própria realidade. É guiado pelo sentimento de prazer, e é afluída a busca pela felicidade independentemente das vontades alheias (BAUMAN, 2003). Podemos perceber que Bauman trata de sujeitos pertencentes a uma sociedade marcada pela individualidade e que buscam vivenciar suas experiências de forma autônoma. A comunidade pode ser entendida como o ponto de referência de uma população, mas perde sua característica centralizadora e põe em xeque premissas tradicionais, já que não impede que cada um busque por aquilo que dê prazer. Quando falamos de novas formas de expressões e vinculações religiosas presentes em uma mesma sociedade, também estamos nos atentando às novas reconfigurações sociais. Não podemos esquecer que os acontecimentos entre sociedade e sujeitos interagem e propulsionam alterações em ambos.

Uma sociedade volátil, em que está impressa a liquidez das relações, pressupõe a transitoriedade dos sujeitos em diferentes espaços, o que oportuniza experiências diversas (BAUMAN, 2011). Por outro lado, abala a estabilidade de sólidos e fomenta a busca incessante pela manutenção de determinada organização e tradição. Em uma organização

religiosa, isto não é diferente. Há a necessidade de manter determinada tradição religiosa e, por isso, a memória religiosa se apresenta indispensável neste processo.

A este respeito, consideramos serem oportunos os apontamentos de Maurice Halbwachs sobre a constituição da memória coletiva, entendida como uma construção social, ou seja, as reconstruções mnêmicas são fruto de um contexto social, que implica não apenas em uma construção individual de uma lembrança, mas sim de sua dimensão coletiva. Com base em estudos acerca da memória coletiva de Halbwachs, Rivera (2000) pontua que a manutenção da memória contribui para a construção da identidade de determinado grupo humano. Desta forma, a memória representa a possibilidade destes sujeitos de, além de recordar seu passado, construir seu futuro a partir de suas recordações e de sua identidade.

Neste aspecto, podemos entender que um grupo religioso tem por intuito se blindar de qualquer ameaça à sua estabilidade, pois isto pode significar sua dissolução. Deste modo, as mudanças que ocorrem no mundo parecem ser ignoradas, o que, na realidade, é uma ilusão. A mudança gera instabilidade, o que significa uma ameaça à construção de identidade de um grupo, de forma que a memória tem a função de tábua de salvação (RIVERA, 2000). Por isso, cada grupo religioso utiliza-se de artefatos para se preservar, seja por meio da ênfase da palavra bíblica considerada imutável, como no protestantismo, ou por meio de representações de continuidade, de tradição, como no catolicismo; e ainda, em alguns momentos, as igrejas recriminam práticas, crenças e valores umas das outras como forma de se preservar. As recriminações justificam-se a partir do discurso de preservar o que é sagrado a fim de se distanciar do que pode representar o pecado (RIVERA, 2000, 2015).

Mesmo que os grupos religiosos se lancem nesta tentativa de preservar suas tradições, interesses e fiéis, a religião, por estar inserida no contexto contemporâneo, sofre influências deste. Desta forma, pode ser considerada dinâmica, assim como a própria secularização. A secularização é um conceito que se constitui ao longo da História e, tomando por referência a Idade Média, é entendido como um processo inverso à sacralização. Neste trabalho, cientes da polissemia que caracteriza o conceito, estamos considerando o sentido de secularização a partir do que pontua Rivera (2002), isto é, como “separação entre as coisas consideradas sagradas ou profanas”. Nesta perspectiva, ainda devemos entender que a religião é um forte elemento social que se apresenta com inúmeras possibilidades de modulações e articulações, como em debates e diálogos que tematizam sobre as relações entre Estado, religião e sociedade. Assim, ao contrário do que pressupunham algumas teses da secularização, a religião é viva e dinâmica (CAMURÇA, 2015; GIUMBELLI, 2004). Por esta via, a secularização indicaria o recuo das religiões, ou seja, uma entidade considerada sagrada, sobre

questões que estão acerca da sociedade. Ressalta-se que a secularização não anula a interferência que a religião pode causar tratando-se de esferas sociais e privadas. Na realidade, continua influenciando, mas ao mesmo tempo, por estar inserida em um contexto arrojado, tem sofrido transformações (RIVERA, 2002).

Neste sentido, Portella (2011) sublinha que o conceito de religião na modernidade secularizadora e, especialmente, na contemporaneidade, é revestido por um novo significado que não corresponde, exclusivamente, à manutenção de uma relação com a tradição de uma única instituição, mas trata de uma experiência subjetiva, de conceber o sagrado como pertencente a si. Este entendimento descreve, justamente, o perfil do sujeito na atualidade, já que este não é marcado apenas pelo apelo institucional religioso, mas sim pela liberdade individual e, conseqüentemente, religiosa. Ao mesmo tempo, realoca a religião em um molde secular em que os grandes sistemas religiosos não exercem mais total influência sobre o social, tampouco sobre as identidades – nesse caso, as juvenis, a quem nos referimos.

A exemplo disto, o próprio cristianismo, muito cultivado no Ocidente, é redefinido, pois deixa de se apresentar como definidor do ethos social e do mundo, o que representa a abertura de novas possibilidades do exercício da religião, assim como sua desinstitucionalização. Isto não significa que a secularização é a responsável pela perda do cristianismo ou religião na sociedade, mas sim que rearranja os elementos da tradição cristã e possibilita novas manifestações religiosas (PORTELLA, 2011).

Portanto, é relevante considerar que a relação entre contemporaneidade e instituições ocasionam mudanças significativas nas identidades dos sujeitos e lhes dá maior oportunidade de criar e recriar um eu de acordo com a dinâmica social. A fim de ilustrar as pontuações sobre a contemporaneidade, Giddens (2002) esclarece que a própria modernidade impulsionou e evidenciou novos mecanismos de individualidade e de identidade, ao passo que o sujeito se constitui a partir das instituições modernas e, concomitantemente, as constitui (GIDDENS, 2002).

Pensando na preservação religiosa – que, na realidade, não é garantia de fidelidade, uma vez que nos deparamos com a fluidez da sociedade e dos sujeitos que a compõem –, Hervieu-Léger (2008) amplia o entendimento acerca da contemporaneidade e a trata como também religiosa, justamente por apresentar a possibilidade de subjetivação e individualização da crença. Isto permite considerar a fluidez das relações do sujeito com sua religiosidade ou com as instituições religiosas, o que indica a superação de uma tradição imposta e a possibilidade de novas construções religiosas a partir da identificação, conforme

propõe a interação entre juventude e religião. Daí a conclusão de Hervieu-Léger (2008, p. 34) de que “a crença não desaparece, ela se desdobra, se diversifica”.

Para a autora, na contemporaneidade, a religião é primordialmente vista como um assunto da vida privada, de uma consciência individual, de modo que a intervenção ou imposição das instituições políticas ou religiosas acabam perdendo força. Isto permite, em parte, que os sujeitos construam seu próprio sistema de fé sem estar relacionado a uma instituição específica. Isto não implica que há uma vivência individual e solitária da crença, mas, na realidade, que promove a formação e estruturação de pequenas comunidades fundadas na afetividade e nas afinidades sociais, culturais e espirituais dos membros, afinal pode ocorrer que nas comunidades antigas como a família, os interesses espirituais já não sejam mais os mesmos (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Assim, as religiões institucionalizadas não sofrem tanto pela depreciação de seu discurso, mas sim do choque deste discurso tradicional frente às demandas contemporâneas, que são carregadas por aspectos subjetivos. As instituições religiosas, que impunham determinadas crenças aos sujeitos, têm vivenciado um novo momento, pois a busca do indivíduo por identificar-se com a mensagem de determinada instituição religiosa a partir de sua subjetividade é maior do que o desejo em assumir um papel apenas de membro. Isto faz com que as instituições criem estratégias para se diferenciar uma das outras e tornarem-se cada vez mais chamativas, a fim de disseminar seus ideais (CAMURÇA, 2003).

Neste contexto, reforça-se que a preservação da memória religiosa é necessária para a manutenção de uma instituição religiosa (RIVERA, 2000; HERVIEU-LÉGER, 2008). Em torno disso, não desconsideramos a relevância destas na contemporaneidade. Elas ainda existem e exercem influência sobre os sujeitos, mas, ao mesmo tempo, estes últimos demandam sentir-se pertencentes a um grupo, necessitam ser uma “testemunha de sentido”, o que representa a busca por pertença, partindo de uma construção de identificações e não apenas de um discurso vago e sem sentido pessoal (CAMURÇA, 2003).

Vivenciar a religião a partir de novas possibilidades que não acompanham, necessariamente, determinados ritos específicos, dialoga com padrões sociais contemporâneos, uma vez que estes pressupõem que cada sujeito pode conquistar sua autonomia e, por consequência, tornar consistente suas preferências particulares, apesar da incidência de determinados padrões tradicionais. Neste ângulo, a religião se apresenta como um meio de o sujeito vivenciar sua singularidade, já que a escolha por uma determinada crença ou religiosidade está relacionada às suas identificações. Do mesmo modo, devemos ponderar que a pluralidade identitária do jovem também pode relacionar-se à sua pluralidade

religiosa. Pontua-se que o espaço em que este se encontra também exerce influência sobre o modo que se relaciona e vivência sua religiosidade.

Tendo em vista este cenário da religião na contemporaneidade, Novaes (2016) procura refletir sobre o perfil dos jovens religiosos brasileiros e suas condições contemporâneas, a partir da pesquisa Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013. Em seu texto, a autora destaca que o ambiente em que os jovens vivem, assim como sua condição socioeconômica – que pressupõe elementos educacionais, econômicos e culturais –, devem ser levados em consideração para compreendermos a forma com que o jovem vivencia sua religião ou sua religiosidade, além dos jovens que não possuem uma denominação religiosa específica, mas que possuem uma crença e a exercem de forma própria.

Neste sentido, em sua pesquisa, Novaes (2016) expõe a relação entre o nível de escolaridade e as vinculações religiosas², assim como entre outros assuntos que permeiam a vida do jovem, como a tecnologia e suas relações e participações sociais. Nos percentuais mais altos de escolaridade destacam-se os ateus, espíritas kardecistas e os agnósticos, sequencialmente. Já no que se refere aos percentuais mais baixos de escolaridade, destacam-se os evangélicos e os católicos, respectivamente. Ainda, em uma posição intermediária, apresentam-se os jovens do candomblé e os sem religião, nesta ordem. Outro ponto a ser destacado sobre os jovens sem religião é que estes se concentram tanto em meios urbanos como rurais do Brasil. A pesquisa demonstra que há um crescimento significativo no Nordeste dos jovens que creem em Deus, mas que não têm religião, além de sua representação no Norte e no Centro-Oeste (NOVAES, 2016). A renda também apresenta variações de acordo com cada denominação religiosa: a maioria dos evangélicos e espíritas kardecistas relatam não terem rendas individuais, ou seja, necessitam de alguma ajuda financeira, enquanto ateus e agnósticos estão na contramão disto e possuem suas rendas; já os católicos e sem religião apresentam diferentes níveis (NOVAES, 2016). Já no aspecto cultural, Novaes (2016) aponta que os jovens da umbanda e do candomblé se sentem mais discriminados por sua religião, seguidos dos evangélicos, considerando elementos como a aparência e condição social: pobreza e cor/raça.

Esta pesquisa demonstra diferentes nuances e implicações em ser jovem em um contexto contemporâneo. Isso fica ainda mais evidente quando são realizadas aproximações

² As vinculações religiosas estão relacionadas a um determinado tipo de confissão religiosa, de modo que o sujeito relaciona suas crenças com determinada instituição e/ou discurso religioso específico. A relação que um sujeito estabelece com a religião, perpassa dimensões subjetivas, o que interfere em suas vinculações. Devemos pontuar que existem sujeitos que possuem alguma crença, mas não vinculação religiosa.

entre a religião e a religiosidade, elementos que também se constituem como meios de expressão e interferem nas vivências dos jovens em sociedade, tanto no que tange aos espaços públicos como nas relações familiares, culturais, educacionais ou de amizade.

Guimarães (2017) contribui com esta discussão ao expor que a religião é um fenômeno social que identifica características próprias de uma determinada sociedade. Por meio da análise de jovens pobres pentecostais, o autor busca compreender as relações construídas por estes na sociedade brasileira e, especificamente, o motivo pelo qual parecem não se identificar com sua condição social a partir da cultura religiosa de sua comunidade. Pautando-se em bases teóricas como as de Max Weber e Peter Berger, verifica que os jovens da periferia se identificam cada vez mais com os movimentos neopentecostais, situados geograficamente em lugares com melhores condições econômicas. A desvinculação ao pentecostalismo e sua vinculação ao neopentecostalismo indica uma ruptura do jovem com seu grupo social.

A pesquisa de Guimarães (2017) faz refletir, principalmente, sobre as pertencas e preferências religiosas dos jovens. Com relação a esta temática, Camurça, Tavares e Perez (2015) buscaram compreender as relações entre as dimensões religiosa, social e os valores morais a partir da perspectiva de estudantes na rede pública do terceiro ano do Ensino Médio de diferentes localidades de Minas Gerais. Os autores constataram que os jovens têm conhecimento de sua religião e relacionam-se com ela por intermédio de suas próprias escolhas, o que não indica necessariamente um afastamento de parâmetros tradicionais, uma vez que, em sua maioria, comungam da mesma religião dos pais. Deste modo, percebe-se que a religião e a religiosidade, para esta amostra, estão relacionadas com a experiência e não somente com o apego a uma instituição, mesmo que, apesar das mudanças geracionais, a religião ainda se apresente como um elemento atuante na vida destes jovens.

As pesquisas de Guimarães (2017) e de Camurça, Tavares e Perez (2015) instigam a pensar sobre a possibilidade de transitoriedade do jovem contemporâneo em diferentes ambientes, assim como a função da religião enquanto um elemento que é vivenciado como uma experiência sentimental ou de identificação. Desta forma, a vinculação religiosa fundamentada apenas no pertencimento do jovem a um determinado grupo social ou familiar perde o sentido.

É válido ressaltar que, a partir da concepção de juventude que estamos considerando neste trabalho, o jovem, enquanto sujeito plural, está inserido em diferentes contextos socioculturais que fazem com que articule seus interesses e valores, dentre eles, os religiosos. Novaes (2012) destaca que a dimensão religiosa tem alcançado os espaços públicos. Diante

disso, a autora propõe refletir sobre a interação entre a religião e os espaços públicos, a partir de uma retomada de pesquisas dos últimos anos, que busca evidenciar as experiências de jovens brasileiros e suas articulações nos espaços públicos. Para tanto, levou em consideração a diversidade cultural e religiosa dos jovens e o diálogo destes aspectos em espaços científicos, culturais e políticos. Conclui acerca da pluralidade juvenil na ocupação nos espaços públicos e expõe que, nesta relação, a diversidade religiosa e os direitos humanos se entrelaçam e instigam o desejo de uma mudança de valores políticos instituídos, o que impulsiona a presença dos jovens em tais espaços.

Neste segmento, que diz respeito à atuação dos jovens nos espaços públicos motivados pela religiosidade, Oliveira (2017) destaca o crescimento do pentecostalismo e suas influências sociais, visando compreender de que forma os jovens vinculados à Assembleia de Deus (AD) de Goiânia recebem o discurso institucional e como este se articula à sua rotina, levando em consideração uma sociedade plural que apresenta algumas contradições com relação ao discurso da AD. Ademais, neste estudo, os jovens são entendidos como agentes significativos para as mudanças ocorridas na Igreja. Os resultados sugerem que o jovem da AD mantém uma relação ao mesmo tempo próxima e distante do mundo, afinal, ainda que assumam algumas crenças e práticas da religião, os jovens se apresentam contrários aos discursos institucionais sobre o não uso de contraceptivos, por exemplo. Desta forma, apresentam contestações em relação ao que é apresentado pela Igreja, o que os deixa mais “próximos do mundo”. Em suma, o autor destaca que, mesmo em instituições tradicionais, a tradição religiosa tem perdido forças.

Prates e Garbin (2017) também investigam a relação dos jovens assembleianos, em pesquisa etnográfica realizada em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, entre 2011 e 2012 e em Lisboa, Portugal, em 2013, buscando traçar alguns paralelos entre os diferentes contextos. A partir de dados coletados por meio de inserção etnográfica junto aos grupos estudados, as autoras identificam que a família e a instituição religiosa ocasionam marcas na educação dos jovens, assim como no comportamento. Isto se dá devido a alguns aspectos relacionados à manutenção da tradição religiosa da instituição. Apesar da pressão exercida por esta, os jovens experienciam situações comuns de sua geração, relacionando a religiosidade juvenil às próprias transformações que a juventude vem passando ao longo do tempo, em que ser jovem e pertencer a uma religião evangélica representa novos modos de existência e de significação dos modos de pertencimento.

As pesquisas de Novaes (2012), Oliveira (2017) e de Prates e Garbin (2017) contribuem para a compreensão de que as relações entre juventude e religião nos espaços

públicos são significativamente motivadas por experiências religiosas e não somente por discursos institucionais ou familiares. O sentido que o jovem atribui à sua religiosidade influencia no modo como este atua em diferentes contextos sociais, a fim de promover transformações e o desenvolvimento de novas perspectivas sobre assuntos que podem ser considerados como tabus, como o aborto, ou mesmo considerados impróprios para esta parcela da sociedade, como a política. Isto pode confirmar a autonomia que o jovem vem adquirindo ao longo do tempo, pois demonstra a capacidade deste em escolher e pautar suas ações a partir de suas preferências.

Neste tocante, Fernandes (2007), com base em revisão bibliográfica, discute o propalado desinteresse dos jovens por partidos políticos, ao mesmo tempo em que há uma crescente adesão às atividades sociais ofertadas pelos movimentos religiosos. A autora expõe que as atuações dos jovens em sociedade representam uma postura política, embora não estejam atreladas a nenhum discurso específico. As instituições religiosas ou partidárias apresentam-se importantes, mas não essenciais para o engajamento destes sujeitos em sociedade. A religião adquire a função de geradora de sentidos e a participação juvenil em atividades sociais incentivadas pelos movimentos religiosos podem contribuir para a reinvenção da política, fato que dialoga com os resultados apontados por Novaes (2012) em sua pesquisa, pois a autora menciona que, a partir de uma consciência religiosa e de direitos humanos, os jovens esperam renovações políticas.

Como exemplo de movimentos religiosos que destacam o protagonismo juvenil e que mobilizam questões políticas, econômicas e sociais – o que confirma a representatividade de determinado grupo religioso por estar vinculado a um evento religioso –, mencionamos a Jornada Mundial da Juventude (JMJ). Gonzalez e Mariz (2013) analisaram as consequências da JMJ ocorrida em 2013 no Rio de Janeiro, destacando que a própria imagem dos católicos é alvo de atenção e, especificamente, a identidade católica dos jovens participantes do evento evidencia-se e é reforçada, justamente por serem os anfitriões e terem maior abertura para suas manifestações religiosas.

Além dos movimentos religiosos que impulsionam a participação do jovem em sociedade – e, portanto, constituem-se como meios que possibilitam o exercício da identidade juvenil e religiosa –, a universidade, enquanto um espaço público e voltado à ciência, também é um ambiente em que os jovens se expõem no que corresponde às manifestações de desejos, preferências, vinculações, diferentes crenças e identificações, embora nem sempre se encontra aberto para tratar de discussões que relacionem ciência e religião. Frente a isso, citamos Azevedo et al. (2017) que, em um espaço criado nos Institutos Superiores de Ensino do

CENSA, realizaram um trabalho de revisão sistêmica da literatura sobre o Laboratório Dialogal Fé e Razão, o qual visa a abertura ao diálogo no campo acadêmico sobre as interações entre ciência e religião. Os autores pontuam que possibilitar conversas sobre estas questões propicia a elaboração de materiais científicos acerca desta temática, o que destaca a importância de explorar a tônica religião no contexto escolhido pelo autor.

Sobre este contexto, Quadros (2015) propôs um estudo na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, de ordem qualitativo-quantitativa, com 430 acadêmicos de cursos de diversas áreas do conhecimento. De modo geral, a autora buscou investigar se a vida acadêmica dos jovens interferia na sua religiosidade, e pôde constatar que, de certa forma, o ambiente científico da universidade afeta a relação do jovem com sua religião, o que o torna mais crítico, e até mesmo mais cético, quanto a assuntos diversos, como sexualidade e outros que são tratados como tabus pelas religiões. Os compromissos universitários, conforme aponta a autora, também influenciam na frequência com que os jovens vão até à igreja, devido ao tempo destinado a estes.

Na mesma direção, Mori e Silva (2016) investigam a vivência religiosa de 291 acadêmicos do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL), por meio da aplicação de um questionário para oito turmas do referido curso. Ao final do texto, as autoras chamam a atenção para o fato de que, a relação dos docentes com as bases religiosas existentes no curso de graduação mencionado, ainda são tímidas e refletem se em outros cursos de graduação há a existência de elementos religiosos. Quanto aos encaminhamentos do curso de Serviço Social e dos próprios acadêmicos, as pesquisadoras observaram que houve uma superação da forte influência da Doutrina Social da Igreja Católica nas raízes do curso de Serviço Social, o que interferiu na construção do processo profissional. No entanto, isto não representou que houve um afastamento de aspectos religiosos, uma vez que há a incidência de uma religiosidade fundamentada na emoção e na individualidade. Esta reconfiguração não se restringe apenas ao curso, mas também afeta os acadêmicos, uma vez que os mesmos interagem e estão próximos às bases que compõem esse curso de graduação. Apesar desta reconfiguração, pontua-se que a religiosidade não deixou de existir devido ao ingresso na graduação, mas que houve uma redução da participação dos jovens nas manifestações religiosas, devido ao tempo destinado às atividades acadêmicas. Este fato se aproxima da pesquisa de Quadros (2015), no que concerne ao modo como o jovem vivencia sua religiosidade quando ingressa na universidade, pois, além de exercer uma religiosidade mais emotiva, passa a assumir novos compromissos e vivenciar novas relações, o que interfere na periodicidade de suas participações religiosas.

Silva, Teruel e Silva (2017) realizaram um trabalho de acompanhamento na Universidade Estadual de Londrina (UEL) em 2015, com jovens participantes de grupos de oração tanto católicos quanto evangélicos, destacando a relação da religião dos jovens no espaço acadêmico ao tratar das possíveis relações entre as crenças e demonstrações de fé dos estudantes com os aspectos pedagógicos presentes na universidade, esta que é entendida enquanto um espaço científico e laico. As autoras puderam constatar que a juventude é um período de mudanças significativas e que a religiosidade é um elemento que contribui para esta fase e para que os sujeitos lidem com as questões adversas deste período da vida. A religião e/ou a religiosidade podem ser um elemento que contribui para a formação da identidade do jovem, já que este recebe orientações diversas no grupo religioso em que se encontra. Ademais, os grupos de oração representam, dentro do contexto universitário, ambientes em que é possível compartilhar suas angústias e ansiedades frente às questões acadêmicas e particulares.

Observa-se que este é um aspecto diferente do que pontua Quadros (2015), pois Silva, Teruel e Silva (2017) se referem aos jovens participantes dos grupos de oração universitários que se utilizam deste contexto como um refúgio, e não como um meio de questionar as imposições religiosas. No entanto, apesar das pesquisas apontarem perspectivas diferentes sobre um mesmo segmento, é considerável destacar que nos dois casos os jovens expressam-se e lidam com sua religiosidade de forma própria.

Este modo dos jovens em se relacionar, especificamente os universitários, pode estar associado, de acordo com Peretti, Souza e Passos (2015), com o engajamento destes em dimensões sociais. Os autores constataram que as mudanças na vinculação religiosa se dão devido à curiosidade por outras crenças e religiões, embora a família exerça uma influência significativa na escolha pela religião. As novas mídias, como as redes sociais, contribuem para a interação do jovem com sua religião. A pesquisa considerou universitários dos cursos de Teologia, e de Direito em Joinville e teve início em 2012, com o objetivo de entender como se dá a relação da juventude e religião e os motivos que levam os jovens a mudar de religião.

Conforme sugerem os resultados da pesquisa de Oliveira (2017), as manifestações religiosas dos jovens universitários da geração Y³ apresentam-se de maneira própria, diferente das gerações anteriores. A religião dialoga com diferentes aspectos da vida social, como o

³ De acordo com Comazzeto et al. (2016), a geração Y é representada por sujeitos nascidos de 1978 em diante. Os mesmos cresceram em contato com as tecnologias de informação, e apresentam características próprias no modo de viver em sociedade.

cultural, econômico e o educacional. Estas inferências se deram a partir de pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, que foi realizada por meio da aplicação de um questionário, investigando 190 jovens da Universidade Federal de Sergipe (UFS) entre 18 e 30 anos. Objetivou-se estabelecer justamente um paralelo entre a religiosidade do universitário e suas articulações com o contexto social, o qual o autor destaca como um palco de tensões diversas entre diferentes aspectos.

Esta relação entre a religiosidade dos jovens universitários com o contexto científico e seus enlances sociais também norteia a pesquisa de Bassalo (2016), que se propõe a analisar jovens cristãs protestantes, no que se refere às suas relações com sua cultura religiosa no campo científico. A autora realizou sua pesquisa atentando-se para os modos de ser jovem, a partir de entrevista narrativa e da análise das ações de jovens vinculadas a quatro instituições religiosas diferentes, estudantes de universidades públicas e particulares de Belém, Pará. Estas apresentam comportamentos e estilos próprios que são instigados por sua religião. Ser cristã marca a identidade dos sujeitos desta amostra, que sofrem discriminação por se apresentarem esteticamente diferentes de alguns modelos que a condição juvenil pressupõe. Para transpor tais barreiras, a autora expõe que algumas estudantes flexibilizam seus costumes para que possam se integrar ao ambiente social e acadêmico. Outras, no entanto, conservam o tradicionalismo da religião, tanto no modo de se comportar como de se vestir. Em ambos os casos, evidencia-se um modo próprio de ser jovem e cristã na universidade.

As pesquisas de Oliveira (2017), Peretti, Souza e Passos (2015) e Bassalo (2016) indicam que, além da atuação dos jovens em sociedade, estes sofrem influências do contexto em que estão inseridos. Portanto, em um cenário que não define a juventude de forma invariável, mas fala de diferentes “juventudes”, o imperativo social faz com que o jovem encontre meios de se expressar e de exercer sua individualidade e suas crenças religiosas, ao mesmo tempo em que está inserido em um enquadramento que preconiza a cientificidade, como as universidades e outras instituições de ensino.

Salienta-se que, na academia, pode haver conflitos com relação às diferentes religiões ou religiosidades que os acadêmicos podem manifestar. Kramer e Edelheit (2018) procuram pensar sobre tais conflitos e a importância da escola frente a eles, analisando em seu trabalho situações de diferentes contextos do Ensino Superior, no Brasil e nos Estados Unidos, que manifestam o desconhecimento dos acadêmicos com relação às diferentes manifestações religiosas e que, por isso, evitam abrir discussões a respeito da temática religião. Este fato contribui para que o assunto permaneça sendo um tabu e que abra margens para comportamentos intolerantes e a formação de estereótipos. Os autores observaram, a partir de

suas análises, que há uma abertura para tratar de assuntos que dizem respeito ao preconceito, a partir de um viés histórico. O papel do educador, neste sentido, é o de abrir margens para que discussões sobre tais temáticas sejam realizadas, a partir de uma perspectiva ética e crítica, que possibilite o estabelecimento de uma relação entre sujeitos.

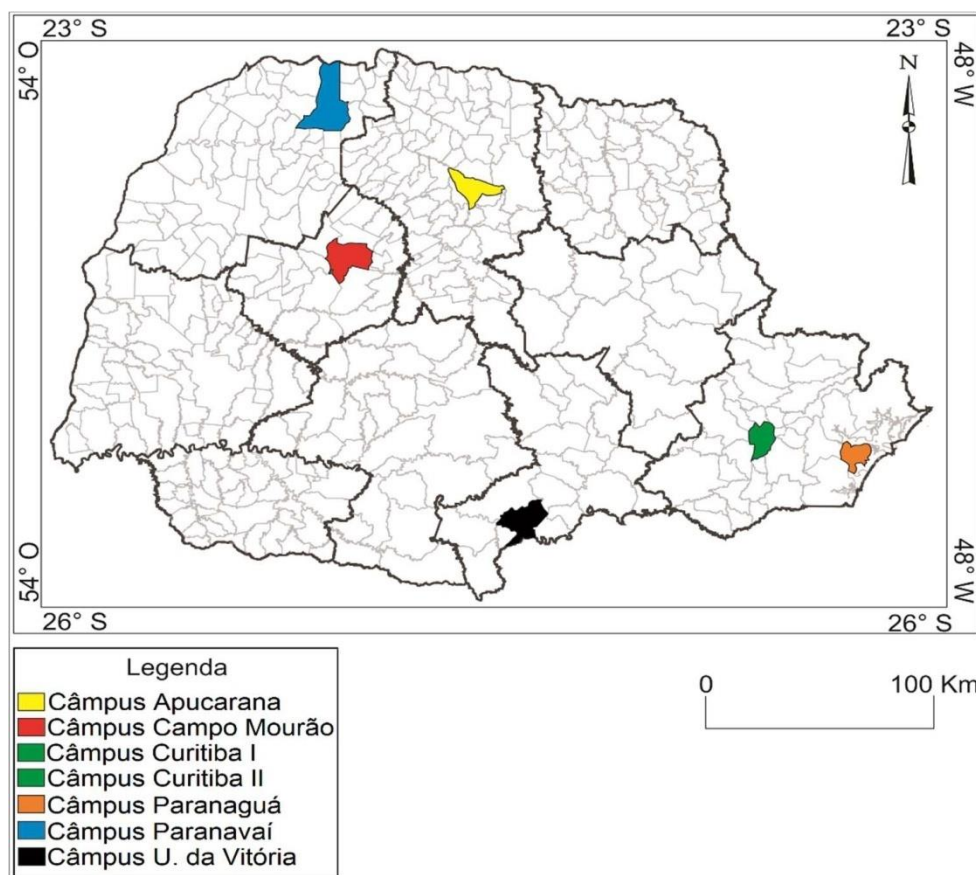
Ser jovem e, mais ainda, ser jovem religioso em um cenário contemporâneo, envolve diferentes elementos como de se expressar e, por vezes, conciliar a religiosidade nas vivências familiares, entre amigos, no trabalho ou na universidade. O entendimento sobre a religião, assim como sobre o jovem moderno, tem se desdobrado e se mostrado fluído, menos institucionalizado, mas não menos valorativo nas vivências juvenis e na constituição social. O jovem, enquanto protagonista dos processos sociais, tem se desenvolvido e atuado de acordo com seus princípios e identificações religiosas, mesmo quando tratamos de comportamentos em que há a evidência de uma certa valorização da tradição. Quando falamos da universidade, este fato é visível, pois sua cientificidade, em alguns momentos, não fomenta o diálogo sobre/com a religião ou a religiosidade. Isto porque a forma como o jovem encara suas convicções ou crenças neste ambiente pode interferir em seu processo de aprendizagem, vivências ou em suas compreensões acerca de si e do mundo.

1.3 Apresentando a pesquisa com jovens universitários da Universidade Estadual do Paraná

Ao considerarmos o que parte da literatura diz a respeito da relação entre juventude e religião, bem como da influência e desdobramentos desta para a construção da subjetividade juvenil, traçamos, tendo por base o nosso universo empírico, a seguinte problemática: quais os sentidos que a dimensão religiosa adquire nas vivências e compreensões dos jovens universitários da Unespar? Neste sentido, procuramos analisar se e de que formas a dimensão religiosa se faz presente nas compreensões e vivências de jovens universitários de cursos de licenciatura da Universidade Estadual do Paraná – Unespar.

A Unespar é uma Universidade pública do estado do Paraná, formada a partir da junção de sete Faculdades Estaduais, que antes se mantinham isoladas em sua gestão administrativa e acadêmica. O credenciamento da Universidade se deu em dezembro de 2013 e atualmente dispõe de sete campi, sendo eles: Apucarana, Campo Mourão, Curitiba I, Curitiba II, Paranaguá, Paranavaí e União da Vitória (MEZZOMO; PÁTARO, 2015).

Figura 1: Localização dos campi da Unespar nas mesorregiões do Paraná



Fonte: IBGE, Base Cartográfica; SEMA (2014). Org. por Fernando H. Villwock.

Para a realização da pesquisa, adotamos alguns procedimentos metodológicos a fim de direcionar as análises e alcançar os objetivos propostos. Para tanto, foram realizadas análises de entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas no ano de 2017 e transcritas entre 2017 e 2018⁴. Não poderíamos deixar de mencionar, mesmo que de forma breve, o contexto nacional e paranaense no qual os nossos sujeitos da pesquisa estiveram envolvidos, afinal os marcadores temporais são relevantes para que possamos compreender a ideia de cada resposta e, por consequência, as formas que os jovens estão se apresentando.

As manifestações ocorridas no Brasil em 2013 refletem uma dinâmica forte e nacional. A participação dos jovens, seja por meio das mídias sociais ou através de intervenções organizadas em espaços públicos, receberam destaque principalmente porque foram as Jornadas de Junho, do referido ano, que marcaram a luta do jovem pela redução da tarifa do

⁴ Esta pesquisa é um recorte de uma investigação mais ampla, intitulada “Identidades juvenis, religião e política: jovens universitários de cursos de licenciatura”, sob coordenação da Profª. Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e contando com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa, que encerrou-se em 2019, teve por objetivo analisar a constituição das identidades juvenis, na interface com a religião e a política, a partir do estudo com jovens universitários dos cursos de licenciatura da área de Ciências Humanas da Unespar, e contou com a participação de outros pesquisadores, além de estudantes de Mestrado e Iniciação Científica.

transporte público e o apoio das gerações anteriores para a luta juvenil contemporânea. Tatagiba (2014) pontua que, em 2013, a política brasileira sofreu uma movimentação significativa devido aos protestos que tiveram como gatilho o aumento da tarifa do transporte público, motivadas pelo Movimento Passe Livre (MPL). No entanto, a autora esclarece que, se as manifestações tiveram este como seu ponto de partida, aos poucos o cenário foi se reconfigurando e o próprio MPL já não direcionava os rumos dos protestos, haja vista que novas pautas foram levadas às ruas pelos manifestantes.

Assim, o estopim das manifestações de Junho foram os R\$0,20 da tarifa do transporte coletivo, mas, conforme expõe Tatagiba (2014), este fato suscitou o desejo de mudança e de luta por assuntos que perpassavam a realidade do povo brasileiro, tais como o respeito aos direitos das minorias, posições contrárias à redução da maioria penal e ao avanço dos direitos sociais. Contextualizar este momento, que antecede o intervalo de tempo das entrevistas (2017) e do próprio ingresso dos jovens entrevistados na Universidade (2014), é importante para que possamos compreender como se formava o clima nacional, o qual pode interferir nas percepções e posicionamentos dos participantes da nossa pesquisa diante às questões do roteiro da entrevista.

Frente a isso, também não podemos deixar de mencionar a crise econômica vivenciada no Brasil entre 2014 e 2017, pois alterou a estrutura do país e interferiu substancialmente na trajetória da população brasileira e nos dados coletados em nossa pesquisa. A crise deste período, de acordo com Barbosa Filho, é:

Fruto de uma combinação de choques de oferta e demanda resultado de erros de política econômica. Esses choques produziram uma redução da capacidade de crescimento da economia brasileira e risco de insolvência das finanças públicas. A solução da crise fiscal, através da PEC do teto dos gastos, fará que o país retome o crescimento econômico a partir de 2017, utilizando a capacidade ociosa da economia. No entanto, a taxa de crescimento do produto potencial não recuperará o ritmo anterior devido aos efeitos duradouros das políticas da Nova Matriz Econômica (NME) que reduziram o produto potencial nacional (BARBOSA FILHO, 2017, p. 59).

A situação econômica do país refletiu em diferentes setores comerciais, nas taxas de desemprego e no modo de vida do brasileiro. Desta forma, a transformação esperada era imperativa, a qualquer custo. Por isso, tendo em vista a efervescência do momento e de sua fragilidade política, social e econômica, não podemos deixar de demarcar que, em 2016, a então presidenta Dilma Rousseff, à luz de denúncias de corrupção, foi destituída de seu cargo e substituída pelo seu vice, Michel Temer (MDB).

Se no contexto nacional vivenciamos momentos de crise e instabilidade, o campo político paranaense também apresentou momentos de inconstância e revolta populacional. Registram-se alguns conflitos entre o governo do Paraná, dirigido pelo então governador Carlos Alberto Richa – Beto Richa – do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), e o funcionalismo público, em particular no que se refere à proposta de reestruturação do plano de carreira dos professores (SOUZA, 2019).

Já em seu primeiro mandato (2011-2014), Beto Richa apresentou o chamado “pacote da maldade”, fato este que se estendeu em seu segundo mandato (2015-2018). Este “pacote” entende-se pelo conjunto de propostas, apresentadas à Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), que visavam ajustes e aumentos de receita em prol da diminuição de despesas, o qual afetava a população paranaense de modo geral. Com o intuito de normalizar a economia do estado, o ex-governador propôs, por meio de Projetos de Lei (PL), a elevação de taxas como a do Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), e o aumento do Imposto sobre Mercadorias e Serviços (ICMS), etc. Ainda, neste cenário, os professores estaduais sofreram perdas significativas, como o corte de dez mil funcionários públicos das escolas, o não pagamento do salário de trinta mil professores temporários, o fechamento de 2.200 turmas, bem como cortes de verbas para a manutenção das escolas e o confisco da verba da Previdência do Estado. O fechamento de programas como as salas de apoio, o Mais Educação, o Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM) também fez parte das medidas adotadas para preservar a economia do Estado.

Tendo em vista toda esta conjuntura, no segundo mandato de Beto Richa, o Estado continuou vivenciando momentos conturbados. Assim, em 2015, foram deflagradas greves na Educação que se estenderam pelo Estado, tanto na Rede Básica Estadual como no Ensino Superior – nesse último caso, motivadas pela proposta de “autonomia” financeira das universidades –, iniciativa rechaçada pelas Instituições Estaduais de Ensino Superior, já que representava, de certo modo, um descompromisso do Estado para com a Educação, em aspectos financeiros, e o próprio sucateamento das instituições públicas de ensino. A resistência e a revolta de servidores, professores e alunos, levou a uma liminar que não permitiu a abertura das sessões da ALEP para o acompanhamento popular. No conhecido “Massacre de 29 de abril”, Beto Richa, o Secretário da Segurança Pública e sua equipe permitiram a intervenção da Polícia Militar do Paraná (PM/PR) contra as manifestações que ocorriam no Centro Cívico de Curitiba. Ainda, no período que abrange a vivência universitária dos jovens participantes de nossa pesquisa, houve, em 2016, o movimento de ocupações das escolas e universidades estaduais por parte dos estudantes, que demonstraram

apoio aos professores e sua revolta contra o governo e suas medidas que afetavam a educação (SOUZA, 2019).

Foi justamente nesta conjuntura de um contexto político e conflitos sociais acalorados, que destacou a participação e o protagonismo juvenil, que as entrevistas para nossa pesquisa foram realizadas, isto é, no 2º semestre de 2017. Portanto, partimos de trinta entrevistas⁵ realizadas junto a jovens de cursos, idades, gênero, crenças e religiões diversas, estudantes de cinco campi da Unespar: Apucarana, Campo Mourão, Paranaguá, Paranaíba e União da Vitória, de quatro cursos de licenciatura existente na Universidade: Pedagogia, Geografia, História e Filosofia. Os jovens participantes das entrevistas eram acadêmicos dos quartos anos dos referidos cursos, tendo, portanto, ingressado na Unespar em 2014, vivenciando de perto toda a problemática e instabilidade política apresentada anteriormente. A escolha por este período do curso de graduação se deu pelo entendimento de que estes jovens, por estarem no último ano de formação, conhecem melhor a universidade e já vivenciaram boa parte da trajetória formativa no Ensino Superior, além de poderem contribuir com a pesquisa com respostas que podem demonstrar certo conhecimento sobre diversos assuntos abordados.

Pontuamos que, no segundo semestre de 2016, foi aplicado um questionário online por meio da plataforma *SurveyMonkey* que continha 49 questões abertas e fechadas, que visavam, a partir da resposta de 152 jovens, compreender sobre o perfil socioeconômico, a trajetória de escolarização, o ingresso na Universidade e aspectos relativos à política e à religião dos respondentes. Destacamos, mais uma vez, que este questionário, assim como as entrevistas, compõem o conjunto de instrumentos realizados para desenvolver uma pesquisa ampla que se relaciona com o Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder e com outros acadêmicos que participavam da pesquisa “Identidades juvenis, religião e política: jovens universitários de cursos de licenciatura”.

Neste contexto, as entrevistas realizadas em 2017 foram realizadas com os estudantes que participaram do questionário online em 2016, sendo que os respondentes escolhidos foram aqueles que representavam uma incidência de diversidade religiosa, e responderam de forma mais completa ao *Survey*, ou seja, aqueles jovens que, em suas respostas abertas, apresentaram maiores elementos sobre o assunto – religião –, o que nos levou a estabelecer a hipótese de que, quando entrevistados, nos dariam maiores subsídios para compreendermos suas percepções, relações e motivações acerca desta temática. Ressaltamos que, para a realização das entrevistas, foram adotados alguns procedimentos éticos, tais como a

⁵ As entrevistas foram realizadas por Leonardo Carvalho de Souza, no ano de 2017, mestre junto ao PPGSeD e membro do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

participação voluntária e a abertura para que os jovens se sentissem à vontade para responder as questões e citarem exemplos de suas vivências cotidianas no contexto acadêmico ou não.

Estes esclarecimentos contribuem para que possamos elucidar algumas características dos estudantes apresentados em nossa pesquisa. A idade dos jovens, por exemplo, não se deu de maneira aleatória. De acordo com o Estatuto da Juventude, são considerados jovens e, por consequência, estão munidos de direitos, princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE), aqueles que têm entre 15 a 29 anos.

Compreendemos que os parâmetros etários não são a única forma de caracterizar o jovem, pois, balizados pelas discussões e implicações que discutimos anteriormente ao problematizar a noção de juventude, consideramos que, a depender do contexto e das peculiaridades que este vivencia, seu comportamento pode sofrer alterações. Neste recorte, levamos em consideração a especificidade de trabalharmos com jovens universitários e que, em sua maioria, ingressam no Ensino Superior após a conclusão do Ensino Médio, de modo que consideramos os jovens que apresentam a idade de 18 a 29 anos (SOUZA, 2019).

Ainda a respeito das considerações sobre nossa amostra, na Tabela 1, evidencia-se que o gênero feminino se destaca como a maioria dos jovens participantes das entrevistas. Justificamos que esta escolha não foi direcionada, afinal, nos cursos de licenciaturas no Brasil, conforme dados do INEP (2017), os estudantes são em sua maioria do gênero feminino, de modo que se trata de uma característica do perfil dos estudantes que estamos tratando, e não necessariamente de um critério definido por nossa investigação. Outro aspecto que gostaríamos de destacar é o motivo pelo qual as licenciaturas foram escolhidas como recorte da pesquisa. A Unespar possui maior quantidade de cursos de licenciatura⁶, portanto, possui um maior número de alunos nesta categoria em relação aos cursos de bacharelado. Desta forma, para fins de recortes metodológicos, e já que o enfoque desta pesquisa é justamente as Ciências Humanas, optamos – a fim de obtermos maior riqueza nos dados – por direcionar as pesquisas para este grupo e, principalmente, aos cursos que representam maior número de alunos neste total.

⁶ A fim de reforçar o motivo da escolha das licenciaturas, descreveremos, a seguir, quantos cursos de graduação cada campus participante da pesquisa contempla, e quantos deles são de licenciatura. Apucarana: 12 cursos, entre eles, 5 são de licenciatura; Campo Mourão: 10 cursos e 5 são de licenciatura, Paranaguá: possui 10 cursos e 6 são licenciaturas; Paranavaí: 12 cursos, dentre eles, 7 são de licenciatura; União da Vitória: 9 cursos, todos são de licenciatura. Desta forma, temos um total de 53 cursos divididos entre os campi mencionados e, deste total, 32 são de licenciatura.

A tabela a seguir sintetiza as características dos participantes das entrevistas realizadas no ano de 2017⁷:

Tabela 1: Dados dos participantes da investigação

Campus	Curso	Gênero	Idade	Religião	Siglas/iniciais (*)
Campo Mourão	Pedagogia	Feminino	21	Católica	M.D.U.
	Pedagogia	Feminino	21	Católica	S.G.G.
	Pedagogia	Feminino	22	Católica	F.A.B.
	Pedagogia	Feminino	29	Evangélica	A.T.M.
	Pedagogia	Feminino	23	Evangélica	G.J.O.
	Pedagogia	Feminino	25	Evangélica	S.J.C.
	Geografia	Masculino	22	Católico/Evangélico	C.G.M.
	Geografia	Masculino	24	Católico	S.M.T.
	Geografia	Feminino	22	Católica	S.S.T.
	História	Feminino	21	Espírita	D.Q.
	História	Feminino	21	Católica	R.G.I.
	História	Feminino	21	Evangélica	A.V.Z.
União da Vitória	Pedagogia	Feminino	28	Umbanda	V.O.
	Pedagogia	Feminino	25	Evangélica	A.I.M.
	Geografia	Feminino	25	Espírita	B.J.Y.
	Geografia	Feminino	21	Católica	V.M.C.
	História	Masculino	22	Católico	W.L.G.
	Filosofia	Masculino	21	Evangélico	M.E.Z.
	Filosofia	Masculino	21	Católico	M.M.
Paranaguá	Pedagogia	Feminino	21	Acredita em Deus, mas não tem religião	F.L.A.
	Pedagogia	Feminino	24	Evangélica	L.G.A.
	História	Masculino	26	Evangélico	C.A.R.
Apucarana	Pedagogia	Feminino	25	Evangélica	O.G.T.
	Pedagogia	Feminino	22	Católica/ Espírita	T.A.I.
Paranavaí	História	Masculino	21	Evangélico	M.L.T.
	História	Feminino	26	Espírita	A.T.L.
	Pedagogia	Feminino	23	Católica	S.B.W.
	Pedagogia	Feminino	21	Acredita em Deus, mas não tem religião	B.N.M.
	Geografia	Feminino	21	Católica	S.J.I.
	Geografia	Masculino	23	Católico	F.M.

(*) Com vistas a preservar o anonimato dos participantes, conforme declarado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os jovens são, em nossa pesquisa, identificados por siglas aleatórias.

Fonte: Dados da pesquisa.

Sublinha-se que as entrevistas semiestruturadas permitem explorar variáveis que demonstram as percepções e compreensões dos jovens, no que tange à política e à religião. A este respeito, Manzini expõe que:

A entrevista semiestruturada é uma das formas para coletar dados. Ela se insere em um espectro conceitual maior que é a interação propriamente dita que se dá no momento da coleta. Nesse sentido, para nós, a entrevista pode

⁷ Foi disponibilizado aos jovens participantes da entrevista o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que os mesmos estavam cientes sobre os objetivos da pesquisa e concordaram em participar da mesma, mantendo-se o sigilo e anonimato das informações.

ser concebida como um processo de interação social, verbal e não verbal, que ocorre face a face, entre um pesquisador, que tem um objetivo previamente definido, e um entrevistado que, supostamente, possui a informação que possibilita estudar o fenômeno em pauta, e cuja mediação ocorre, principalmente, por meio da linguagem (MANZINI, 2004, p. 9).

Os participantes responderam a questões que estavam dispostas em quatro blocos⁸, compostos por temáticas que objetivaram verificar sua relação com a política, com a religião e o espaço em que vivem, bem como posicionamentos e opiniões sobre a temática do aborto, da qual trataremos de modo mais aprofundado no próximo capítulo, no eixo adequado. A relação do acadêmico com seu curso de graduação também fazia parte do roteiro e é relevante para a composição de nossa pesquisa. O bloco II – Religião será o mais explorado por nós, já que o mesmo contém questões que tratam de forma direta da relação entre religião e outros temas. Deste modo, podemos avaliar o modo com que os jovens se posicionam frente a diferentes situações, o que retrata a formação identitária de cada um. O roteiro das entrevistas realizadas está disposto no apêndice deste trabalho.

De posse de todo o material transcrito, realizamos fichamentos das entrevistas de cada um dos participantes, buscando selecionar e destacar os trechos mais relevantes relatados pelos jovens, que estivessem de alguma forma relacionados à dimensão religiosa. Assim, os procedimentos incluíram observar e ressaltar as questões e as compreensões dos jovens que tangenciam a dimensão religiosa, em diferentes aspectos, espaços e relações. Posteriormente, analisamos os elementos suscitados, a fim de identificar semelhanças e diferenças entre os dados de cada entrevista, e assim observar eixos de análise que contribuam para responder à problemática da pesquisa. O fichamento, enquanto uma primeira forma de organização dos dados, tem direcionado nossas percepções para novas questões, de modo que a problemática geral da pesquisa poderá ser refinada no decorrer das análises.

Neste momento, elencamos três eixos temáticos que consideramos relevantes, de acordo com nossas análises das entrevistas, pois apresentam elementos que podem auxiliar no desenvolvimento da pesquisa e no alcance de nossos objetivos. No próximo capítulo, faremos a apresentação dos eixos identificados, trazendo ao mesmo tempo os dados que os sustentam.

Em suma, buscamos demonstrar neste capítulo, através de aportes teóricos, as possíveis relações existentes entre juventude e religião e suas implicações no contexto universitário, o que destaca, mais uma vez, a relevância de estudarmos esta temática. Quando

⁸ Os quatro blocos temáticos contemplados no roteiro das entrevistas realizadas dividem-se em: I: Vivências, cotidiano, expectativas; II: Religião; III: Política; IV: Curso de Graduação. Para mais detalhes, conferir o roteiro disponível no apêndice.

tratamos de jovens e, especificamente, jovens universitários, podemos falar do modo que estes atuam no contexto universitário a partir de seus valores religiosos, ao mesmo tempo em que são influenciados por outros valores. Isto faz com que a pluralidade juvenil esteja presente em suas relações e no próprio modo que este encontra para relacionar-se com a dimensão religiosa.

A partir disso, não podemos esquecer de que a religião, enquanto um dos elementos que contribui para a formação subjetiva do jovem, conforme apresentado pela literatura, tem se mostrado menos institucionalizada e mais fluída, o que demonstra que há certa subjetividade na vivência e na interpretação da religião/religiosidade. Sobre este aspecto, pretendemos, no próximo capítulo, a partir da organização de eixos temáticos, apresentar alguns dados das entrevistas realizadas que dialogam com o entendimento que cada jovem universitário, vivencia sua religião ou sua religiosidade de modo particular, o que pode interferir no modo que cada um interpreta seu contexto e os elementos que o compõe.

CAPÍTULO 2

A DIMENSÃO RELIGIOSA PARA OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS: TRAJETÓRIAS, COMPREENSÕES E INTERLOCUÇÕES COM A POLÍTICA

A dimensão religiosa é um dispositivo que faz parte da constituição identitária do jovem, haja vista que suas atuações e relações, tanto na vida social como na esfera privada, podem ser norteadas por valores e preceitos religiosos. A partir desta consideração, objetivamos, neste capítulo, apresentar e analisar os dados das entrevistas realizadas com os estudantes, a fim de investigar a relação que os jovens universitários estabelecem com a religião, e de que forma compreendem as articulações desta dimensão com a política. Para a composição do capítulo, tratamos, em um primeiro momento, acerca da perspectiva da religião e da religiosidade como possibilidade de compreender as identidades juvenis, recorrendo, para tanto, a algumas considerações teóricas. Na sequência, realizamos uma análise de cada um dos eixos definidos para a organização do material empírico, articulando as discussões teóricas aos dados produzidos.

Os três eixos construídos para nossa análise – trajetória e vinculações do jovem à religião; compreensões do jovem sobre a religião; perspectivas juvenis sobre a relação entre juventude e política – são provenientes do caminho metodológico adotado em nossa pesquisa, ou seja, decorrem das temáticas que emergiram a partir dos fichamentos realizados, conforme exposto no capítulo anterior. Os mesmos são relevantes para entendermos os sentidos e as vivências dos jovens relativas à religião ou à religiosidade. Destacamos que eles não são estanques e, de alguma forma, dialogam entre si. De modo geral, como veremos, os conteúdos das entrevistas sugerem que as relações estabelecidas entre o campo da religião e os outros âmbitos de sociabilidade dos jovens influenciam no modo como estes entendem e se posicionam frente a diferentes esferas da vida privada e social.

* * *

A religião, enquanto um elemento que está presente na vida do ser humano, pode ser discutida, na contemporaneidade, a partir de uma roupagem subjetiva, isto é, a forma como cada sujeito se relaciona com o sagrado não parte unicamente de premissas ou valores determinados pelas instituições religiosas, mas depende do modo como cada sujeito percebe e vivencia sua religiosidade, o que implica na construção de identidades religiosas que superam, em muitas situações, os elementos herdados dos laços familiares ou das instituições. Isto

contribui para que cada um exerça sua fé de acordo com e do modo que acredita ou se identifica, já que não há transmissão automática e integral de uma determinada crença religiosa (HERVIEU-LÉGER, 2008). Esta ênfase na individualidade refere-se à liberdade de cada sujeito exercer sua crença de acordo com aquilo que acredita e, por consequência, desenvolva sua identidade pessoal. Ao mesmo tempo, a crença, apesar de se construir de forma individual, não é vivida de forma solitária, haja vista que é possível que ocorram identificações com outros sujeitos que compartilham de uma mesma crença. Deste modo, nas sociedades modernas, formam-se novas comunidades ou grupos unidos pelo sentimento de pertença a uma mesma crença. Neste sentido, Hervieu-Léger pontua que:

Cuando las sociedades modernas diferenciadas ya no necesitan que sea una institución religiosa la que les sirva de estructura para la organización social, lo religioso se disemina por el conjunto de las esferas y las instituciones especializadas. Los individuos y los grupos humanos pueden construir su propio universo de significados a partir de cualquier dimensión de su experiencia, familiar, sexual, estética o de otro tipo. La constitución y la expansión de este “sagrado moderno” depende del acceso directo que tengan los individuos al conjunto de los símbolos culturalmente disponibles: en efecto, esta religión “invisible” no requiere la mediación de ninguna institución, ya sea religiosa o pública (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 62).

Devido à religião se apresentar em uma sociedade que se constitui menos institucionalizada, cada sujeito lhe atribui significados importantes para nortear suas práticas, principalmente nos momentos em que enfrentam alguma dificuldade pessoal. Esta característica que a religião assume contribui para que possamos compreender que diferentes contextos e elementos são importantes para que cada sujeito possa olhar para sua religião e estabeleça sua religiosidade de forma própria, além de se posicionar e atuar em sociedade a partir delas. Desta forma, ao pensarmos no jovem enquanto um agente transformador e atuante em um determinado contexto, consideramos que ele é influenciado, entre outros elementos, pela dimensão religiosa, pelos sentidos que a ela atribui, o que inevitavelmente reflete na constituição de sua identidade.

A dimensão religiosa, enquanto dispositivo que contribui para a formação subjetiva do jovem, é composta por diferentes nuances (como a política) que podem, em um primeiro momento, parecer contrárias ou difíceis de serem manejadas quando as associamos à ideia de religiosidade e juventude (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014). Além disso, Oliveira e Bizzo (2016), a partir de sua pesquisa, verificam que a religião adquire um significado particular para cada jovem, já que este norteia suas práticas e atitudes, muitas vezes, a partir dos preceitos religiosos que carrega consigo. Ainda neste sentido, os autores pontuam que há,

mesmo dentro de uma mesma religião, diversidade no modo como cada um a vivencia. Nesta perspectiva, retornamos à Hervieu-Léger (2005, 2008), quando pontua sobre o caráter individual da religião, o que acarreta na busca pela construção de uma identidade religiosa singular.

Partindo destas considerações acerca da relevância da religião e da religiosidade para a constituição das identidades juvenis, tratamos, na sequência, de apresentar os dados das entrevistas realizadas com jovens universitários, a respeito do modo como interagem com a dimensão religiosa. Sublinhamos que nossa intenção, com a organização em eixos temáticos definidos a partir da organização dos dados, é a de que possamos esmiuçar os conteúdos apresentados. Acreditamos que este processo contribuiu para que pudéssemos elencar elementos relevantes para a conjuntura desta pesquisa, que versa, fundamentalmente, sobre religião e jovens universitários.

2.1 “Foi de criação mesmo”: trajetória e vinculações do jovem à religião

Este eixo trata sobre o modo com que o jovem universitário entrevistado se aproximou ou se vinculou à sua religião e construiu sua religiosidade. Neste aspecto, é possível observar a ocorrência da influência familiar e/ou de amigos, assim como a identificação do jovem com determinados valores e pensamentos, o que acarreta no exercício de determinada crença ou prática religiosa. Percebemos que os caminhos percorridos pelos jovens para a construção de sua religião, assim como as formas a partir das quais estes se relacionam com esta dimensão, interfere na constituição de sua identidade e em seus posicionamentos, ponto que se fez presente na coleta de dados e que justifica abordarmos e exibí-los a partir desta temática.

Em relação aos motivos da vinculação de uma determinada religião, a maioria dos participantes respondeu que se deu desde muito cedo, de forma que a família exerceu grande influência para a prática de alguma religião, justamente por ser também adepta a alguma crença. Observamos também que, apesar da influência familiar ser relevante, os jovens afirmam, em alguns casos, continuarem seguindo sua religião de origem porque gostam ou se identificam, de modo que, embora a vinculação seja a mesma, a motivação deixa de ser centrada em outrem para assumir-se como uma escolha individual. Vejamos:

Eu sou evangélica, esse ano faz dez anos que eu sou batizada, mas mais ou menos uns quinze anos que eu sou evangélica. Porque eu acredito em Deus, acredito que um dia ele morreu, deu seu filho para nos salvar. Então eu acredito que um dia ele virá para nos buscar aqui neste plano, porque existe um outro plano que é o plano eterno. Então eu acredito nisso e por isso eu sou evangélica. A partir de que eu nasci, eu sempre frequentei ali e todo esse

processo acabou resultando nisso, mas é uma escolha minha, teve influência dos pais, mas foi por mim mesmo a escolha e nunca pensei em mudar (G.J.O., 23 anos, evangélica, Pedagogia, Campo Mourão).

Sim, eu sou católica. Desde que eu me compreendo por gente. Foi de criação mesmo. Eu acredito que seja por parte dos meus pais mesmo. Maioria da família... Eu concordo com alguns princípios, mas nem todos (M.D.U., católica, 21 anos, Pedagogia, Campo Mourão).

Sublinha-se que o segundo trecho apresentado nos mostra que, além da jovem explicitar uma determinada vinculação como uma escolha individual, a mesma expressa algumas ressalvas, uma vez que não concorda integralmente com princípios e valores assumidos pela religião. Neste aspecto, não podemos desconsiderar tais posicionamentos, pois refletem uma dimensão identitária do jovem, na medida em que este se coloca como sujeito criterioso e convencido acerca de suas escolhas religiosas. Evidencia-se, aqui, a mescla entre a tradição religiosa e o caráter individual da religião, conforme já destacamos anteriormente com base nas considerações de Hervieu-Léger (2005, 2008).

Ortiz (2001) realiza uma discussão em torno do trajeto da religião até a contemporaneidade e sua relação com a globalização, de modo que a apresenta como uma dimensão que sofreu transformações significativas ao longo da história. Em decorrência disso, o autor pontua sobre a validade da religião em diferentes momentos históricos, a fim de nos alertar que, embora esta tenha adquirido diferentes significados e posições, não deixou de ser relevante. Deste modo, os avanços tecnológicos, globais e a própria secularização não representaram e não representam a dessacralização da mesma, mas sim o declínio de sua centralidade no mundo e, especificamente, da hegemonia de apenas uma religião (ORTIZ, 2001). Nesta perspectiva, destaca que:

O advento da sociedade industrial não implica o desaparecimento da religião, mas o declínio de sua centralidade enquanto forma e instrumento hegemônicos de organização social. Ou seja, o processo de secularização confina a esfera de sua atuação a limites mais restritos, mas não a apaga enquanto fenômeno social. Nesta perspectiva, o debate sobre o desaparecimento dos universos religiosos é simplesmente inconsequente (ORTIZ, 2001, p. 62).

A partir disso, podemos inferir que a realocação da religião em consequência de fenômenos sociais abre margens para nos questionarmos em relação às formas com que os sujeitos passam a se relacionar com esta dimensão, desde a escolha de suas crenças até os modos como estas são vivenciadas e significadas. Neste enquadre, o tradicionalismo religioso,

que muitas vezes é refletido através da partilha da mesma crença do grupo familiar, já não é visto como a única possibilidade. Em nossos dados, encontramos jovens que possuem identificações religiosas diferentes das do núcleo familiar, o que pode ser verificado a partir das seguintes falas dos participantes da pesquisa:

Eu faço parte da Congregação Cristã do Brasil, igreja evangélica. Eu frequento ela desde o ano passado, eu era católica anteriormente. A minha família é católica. Eu conheci meu namorado, ele era dessa religião e eu comecei a participar, porque ele me incentivou a ir, para ver se eu gostava das questões e ali eu senti uma sensação muito boa, tanto de você ser acolhido na instituição, de você ver que existe essa questão da igualdade entre as pessoas, até essa questão de você não tentar ser melhor do que as pessoas (A.V.Z., 21 anos, evangélica, História, Campo Mourão).

Eu já pensei em mudar para a religião evangélica, porque eu ia muito com a minha avó quando mais nova e eu era impulsionada pelas pessoas que estavam dentro da igreja, porém fui criando maturidade vi que não era para mim (S.J.I., 21 anos, católica, Geografia, Paranaíba).

A minha família sempre foi católica, os meus pais, os meus avós. Eu morei um tempo com a minha avó. Ela é a pessoa mais antiga e mantém algumas culturas. Ela mantém algumas coisas que é daquela família. Os netos sábado e domingo se reuniam para rezar e, querendo ou não eu participava. Depois dos meus dezessete ou dezoito anos, eu tinha vários amigos que frequentavam uma determinada igreja evangélica. Lá é diferente da igreja católica. Na época, tinha um grupo jovem. Participei um bom tempo lá, depois de uns dois anos eu já comecei a me tornar membro da igreja (A.T.M., 29 anos, evangélica, Pedagogia, Campo Mourão).

Nestas falas, podemos perceber que as jovens possuem uma vinculação religiosa que é fruto de um trajeto em que há, em um primeiro momento, a vivência de uma crença e, posteriormente, o distanciamento desta em prol de uma identificação com outra crença, fato este que ocorre igualmente com outros jovens entrevistados. É importante ressaltar, nestes três relatos, que há um afastamento entre a crença pessoal e a familiar, o que reforça, conforme pontua Ortiz (2001), que a estrutura da sociedade moderna é multireligiosa, justamente devido à derrocada do monopólio religioso.

A partir disso, podemos perceber a possibilidade da existência de um pluralismo religioso, no qual o jovem pode decidir a forma com que vivencia sua crença. Ousamos pensar que este fato pode relacionar-se, justamente, com a organização da sociedade moderna, a qual, conforme Ortiz (2001), não é embasada predominantemente em bases religiosas, gerando um conflito entre secularização e religião, mas, ao mesmo tempo, possibilitando a oportunidade de liberdade religiosa, seja para a mudança religiosa ou para a permanência na

mesma. Em nossos dados, podemos observar esta questão a partir da existência de diferentes tipos de vinculação religiosa. Os jovens distribuem-se entre católicos, evangélicos de diferentes doutrinas, espíritas e os sem religião.

De todo modo, Pierucci (2012) lembra que a essência e a própria legitimação da liberdade religiosa são possíveis somente se forem voluntárias, plurais e proliferante. O autor destaca que isso é possível a partir da concretização da separação entre Estado e Igreja, o que presume, juridicamente, a existência de um Estado laico. Para ele, no Brasil assim como em outros países, há muito ainda que secularizar, pois é possível observar, empiricamente, que ainda há um apelo para que os sujeitos professem fés consideradas tradicionais.

Sabemos que a laicidade é um assunto complexo, com diversas implicações, e que nos instiga a pensar se sua aplicação é efetiva ou não, sobretudo no atual contexto político de nosso país, e mesmo que o Estado seja impedido de interferir na vida religiosa de cada um. Neste eixo temático, não nos aprofundaremos sobre este tema, haja vista que nosso objetivo, neste momento, é outro.

De todo modo, avaliamos que, apesar de alguns entraves, a liberdade religiosa é uma possibilidade em suas mais diversas faces em nosso país. Pierucci (2012) pontua inclusive que há um mercado religioso concorrencial e problematiza através de uma exemplificação, que no Brasil, tanto o catolicismo como o luteranismo e a umbanda, classificadas em sociologia como religiões tradicionais, estão perdendo adeptos para dois grupos em expansão: pentecostais e sem religião.

Recentemente, o Datafolha apontou que 50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não têm religião. A pesquisa, publicada no dia 13 de janeiro de 2020, foi realizada em dezembro de 2019 em 176 municípios de todo o país, e demonstra uma expressiva representatividade do grupo evangélico (G1, 2020). No que se refere especialmente aos jovens sem religião, gostaríamos de ressaltar que, em nossos dados, os participantes justificam esta condição a partir da falta de identificação com os valores ou com a organização de determinada instituição religiosa. Mariano ressalta que:

Do ponto de vista da filiação e do compromisso individual com grupos religiosos, os sem religião são efetivamente mais secularizados do que os filiados a qualquer organização religiosa. Cabe frisar que a ausência de vínculo institucional com uma religião, em geral, tende a resultar na redução da exposição dos indivíduos a autoridades e grupos religiosos e, com isso, na diminuição da influência de tais grupos em seus valores, comportamentos e crenças (MARIANO, p. 5, 2013).

Em nossos dados, os relatos dos jovens que se consideram sem religião deixam evidente que, apesar de não possuírem uma vinculação com determinada instituição religiosa, possuem uma crença que norteia suas atitudes. Portanto, quando tratamos das vinculações e trajetórias dos jovens em relação à religião, também consideramos suas desvinculações e de uma vivência religiosa que está afastada de parâmetros tradicionais e estritamente institucionais. Os relatos a seguir podem ilustrar tais considerações:

O período que eu passei na igreja foi muito bom, era igreja evangélica. Só que eu não gosto de como a igreja evangélica se comporta perante as pessoas. Sempre vai ter uma pessoa que vai achar que ela sabe o que é certo para todo mundo e vai começar a julgar. Eu não gosto dessas coisas, então eu saí da igreja, desde o início da faculdade. Eu continuo acreditando em Deus, tenho a minha fé, mas não acredito que eu precise frequentar uma igreja para validar essa fé (F.L.A., 21 anos, sem religião, Pedagogia, Paranaguá).

Eu sou batizada na Igreja Presbiteriana do Brasil, mas eu não frequento faz alguns anos, então não vou a nenhuma igreja. Eu me decepcionei com a igreja e com as igrejas em geral. Eu acredito em Deus, leio a Bíblia, mas eu acho que nenhuma segue o que Jesus quis dizer. Muitos jovens da minha época, da minha idade, saíram por causa disso, não estavam se sentindo acolhidos, pela questão de julgarem tudo que o jovem faz é errado (B.N.M., 21 anos, sem religião, Pedagogia, Paranavaí).

Os jovens entrevistados mencionaram que se afastaram de alguma instituição religiosa por não se reconhecerem nesta, o que os levou a formular questionamentos e discordarem da forma que esta conduzia suas ações. Quando falamos dos jovens sem religião, estamos tratando sobre a possibilidade que o jovem tem em se posicionar e, ao mesmo tempo, de como isto é ouvido e considerado pela sociedade, o que é fruto da secularização, haja vista que permite, justamente, a manifestação de um pensamento crítico. Neste contexto, ao levarmos as considerações de Pierucci (2012) em conta, no que tange à liberdade religiosa, verificamos que esta inclui também o direito de não pertencer, o que pode ser bem aceito ou não.

Assim, as discussões que realizamos em torno do entendimento sobre “juventudes” e de pluralidade juvenil são apropriadas, pois estamos refletindo justamente sobre uma dimensão da vida do jovem que condiz sobre o modo com este vivencia e articula suas crenças e, a partir disso, como se relaciona com o mundo.

Para tanto, devemos ponderar, novamente, o alerta de Mayorga (2017) que, ao olharmos sobre este jovem que se apresenta de diversas maneiras, devemos considerar o contexto de onde este vem tanto em termos de igualdades como desigualdades, haja vista que

ser jovem não significa o estabelecimento de padrões identitários, mas sim da existência de pluralidade.

A própria sociedade moderna apresenta um processo de pluralização que coloca em xeque, por exemplo, muitas estruturas religiosas consideradas tradicionais. Isto nos revela jovens que podem flutuar entre diferentes crenças e vivenciar sua espiritualidade de maneira individual, o que oportuniza a atribuição de significados específicos para determinados símbolos e ritos (ANDRADE, 2008).

É importante ressaltar que a possibilidade de trânsito religioso não acomete somente os jovens, mas também as próprias religiões. Sobre isso, Almeida e Montero (2001, p. 99) ressaltam que é possível: “promover um espelhamento entre as religiões, para apreender zonas de tensão e regiões de fusão, definido pela simultaneidade de interações que são desiguais entre si”. Tal aspecto pode interferir na trajetória do indivíduo e em sua pertença religiosa.

Em nossos dados, podemos perceber esta questão, uma vez em que existem sujeitos que pertenciam a uma determinada religião e posteriormente vincularam-se a outra por diferentes motivos. Podemos mencionar alguns exemplos de nossos jovens, como T.A.I., de 22 anos, que cursa Pedagogia em Apucarana e atualmente declara-se espírita. A jovem mencionou que foi batizada na Igreja católica e que sua família segue esta religião, no entanto, a ela percebeu que a igreja não poderia sanar algumas questões, conheceu o Espiritismo e passou a frequentar, mesmo sem o consentimento familiar. Já A.T.L., 26 anos, do curso de História em Paranavaí e que também é espírita, mencionou que, apesar de ter frequentado a Igreja Católica juntamente com a mãe, atualmente ambas frequentam o Centro Espírita. A jovem declara que o espiritismo é hipócrita sobre alguns assuntos, no entanto, acredita que as outras religiões sejam ainda mais equivocadas. M.E.Z., de 21 anos e do curso de Filosofia em União da Vitória, também relata que, além dele, sua família também se vinculou a outra religião. A princípio, os pais eram católicos, mas atualmente vincularam-se à igreja evangélica. O jovem justifica que a mudança se deve a maior identificação, uma vez que “a família tem uma veia evangélica”.

É importante ressaltar que, embora possamos observar momentos de desvinculação e posterior vinculação, o trânsito religioso pode não ocorrer de maneira natural, pois existem interferências familiares e de próprios elementos religiosos que necessitam serem ressignificados.

De todo modo, podemos entender a religião enquanto um elemento presente na sociedade, que contribui para a formação da identidade do sujeito e, conforme destaca Godinho, Carvalho e Souza (2014, p. 137): “atravessando épocas, culturas e espaços sociais.

Deste modo, torna-se relevante conhecer a maneira como os jovens são capazes de expressar sua compreensão desta experiência”. A seguir, expomos algumas falas dos jovens que entrevistamos, que ilustram a relação plural deste com sua crença:

Não sei, eu acho que por eu ser criada ali, eu gosto, eu me sinto bem. Eu já tentei ir em outras igrejas, mas não gostei, não me sinto bem. Eu fui na católica, eu já vi candomblé também e não deu (L.G.A., evangélica, 24 anos, Pedagogia, Paranaguá).

Eu fui batizado na católica, fiz todos o trajeto, catequese, crisma, fiz tudo isso, só que depois eu comecei a frequentar a igreja evangélica também. Uma mudança de percepção. Também fui convidado, gostei, mas eu vou nas duas, onde me chamam, estou indo (C.G.M., 22 anos, católico/evangélico, Geografia, Campo Mourão).

Estes trechos, que representam a relação do jovem com sua religiosidade, apresentam um movimento de experimentação, de múltiplas vivências e conhecimentos de várias práticas religiosas. A forma como cada um escolheu, permaneceu ou mudou sua crença se dá por meio diferentes justificativas, seja por motivo de criação, curiosidade ou identificação, por exemplo, o que depende, inegavelmente, do contexto que este jovem advém.

Neste enquadre, não podemos desconsiderar o que vivenciamos no Brasil nas últimas décadas (evidenciado, por exemplo, pela série história do IGBE, 1991, 2000, 2010), em que há a presença de uma profusão religiosa, bem como de sua expansão, além da oportunidade de liberdade religiosa. Tal cenário, ao que parece, contribui para que observemos, nos jovens de nossa pesquisa, uma tendência para composições religiosas em busca de identificação e, portanto, da atribuição de um significado único e subjetivo para sua crença, o qual pode ou não ser partilhado com outros jovens, e que orienta suas ações e escolhas no mundo.

Portanto, conforme propõe Andrade (2008), o florescimento de novas crenças religiosas, a intensificação de uma religiosidade individualizada, e a vitalidade de religiões que pareciam extintas remodela o lugar da religião e a relação das pessoas com esta. Neste sentido, não podemos considerar prosaica a discussão de compreender o jovem e sua religiosidade na contemporaneidade, pois isto também reflete uma forma de ser jovem em um mundo globalizado e que, dia após dia, vem tentando desconstruir determinados parâmetros tradicionais, que já não fundamentam seu modo de pensar ou agir.

Por isso, nos preocupamos em apresentar, neste eixo, a diversidade existente nas trajetórias e vinculações dos jovens à religião. Considerando nossos dados, em síntese, destacamos que muitos, apesar de considerarem-se adeptos e praticantes de uma denominação

religiosa específica, frequentam, ao mesmo tempo, outras igrejas, transitam e experimentam outras práticas e experiências religiosas. Ao que parece, isto se dá, em sua maioria, pela influência de amigos ou de outras pessoas próximas.

A fim de retomar os diversos perfis que aparecem na pesquisa, sublinhamos que há ainda, neste contexto, jovens que já visitaram outras igrejas, mas permaneceram apenas na de origem. Já outros, apresentam uma postura de continuidade da tradição familiar, da crença disseminada pela família, mesmo que, em alguns momentos, apresentem questionamentos em relação a certas condutas de sua religião, e até mesmo curiosidade em conhecer outras denominações religiosas.

Observamos ainda que alguns jovens, devido a uma forte identificação com alguma igreja, mudam de religião. Estes descrevem que se sentem acolhidos no novo ambiente, o que os impulsiona a participação em uma nova comunidade. Por fim, destacamos que alguns jovens dizem não ter nenhuma religião, embora tenham tido algum dia. Mesmo sem uma vinculação institucional, os mesmos praticam atos religiosos, como orar, seguir alguns preceitos e valores que afetam o modo de vida, como frequentar eventos contemplativos, o que indica a presença de uma religiosidade desinstitucionalizada, vivenciada de forma individual, que se dá a partir de identificações.

Deste modo, as atividades exercidas pelos jovens são diversas e correspondem à crença e ao entendimento de cada um. Quando tratamos da trajetória e da vinculação destes à religião, estamos tratando de elementos complexos e individuais, que refletem os modos com que atuam e transformam seu meio a partir de uma crença e, mais ainda, de como pode compreender sua crença a partir de suas vinculações e trajetórias religiosas. Portanto, trataremos, no próximo eixo temático, justamente sobre as compreensões deste grupo sobre a religião em interface com os parâmetros sociais.

2.2 “A gente tem que ter uma fé maior do que a gente”: as compreensões do jovem sobre a religião

Neste eixo, tratamos de apresentar a percepção dos jovens em relação à sua religião, considerando o que esperam e buscam nela. Isto é relevante para que possamos analisar as formas com que estes se aproximam e mantêm sua vinculação à religião, bem como os modos como constroem suas religiosidades. Destacamos que este eixo dialoga com o anterior, na medida em que enfocamos a relação do jovem com a dimensão religiosa e de como esta interfere em sua vida em diferentes contextos.

Em sua maioria, nossos dados apontam que a religião é um elemento norteador da vida dos sujeitos, e que estes esperam que ela possa promover um cenário humanitário, de ajuda mútua, paz e bem estar. Quando questionados sobre a importância da religião em sua vida e o que esperam desta, grande parte dos jovens respondeu que a religião é essencial e que, por meio de Deus, fornece explicações a questões difíceis de serem pensadas ou entendidas, reforçando as esperanças em algo bom, além de ser um alicerce em momentos de dificuldade: “Eu acho que [a religião] se resume a tudo, acho que Deus é acima de tudo. A religião vai explicar aquilo que a nossa mente não entende muitas das vezes” (O.G.T., 26 anos, evangélica, Pedagogia, Apucarana); ou ainda: “A religião na minha vida faz com que eu tenha um norte. Espero que quando eu tiver um problema, não resolva, mas que me conforte” (S.B.W., 22 anos, católica, Pedagogia, Paranaíba).

Os jovens ainda destacaram que anseiam que a religião assuma o papel de humanizar as pessoas, já que se trata de um elemento formativo e necessário ao ser humano, além de propiciar paz e força para prosseguir rumo às conquistas de seus objetivos pessoais. Neste contexto, a religião assume a função de promover um ambiente comunitário, no qual a ajuda ao próximo é a constante: “Espero que a religião continue fazendo o que faz. Incentivar a sociedade. Que ajude o próximo. Que seja compreendida por boa parte da população. Religião é mais do que rezar e ir à igreja” (E.A.V.M., 21 anos, evangélico, Filosofia, União da Vitória).

Portanto, é evidente que, ao tratarmos sobre os modos como o jovem compreende a religião, devemos mencionar, mais uma vez, que é pertinente ponderar sobre a dinâmica da religião na sociedade contemporânea, assim como entender e considerar o lugar de fala do jovem; pois, ao tratarmos destes a partir de sua pluralidade, da existência de “juventudes”, conforme nos lembram diversos autores como Mayorga (2017), Dayrell (2003) e Rodrigues (2007), reconhecemos as aproximações, diferenças e desigualdades que marcam as experiências sociais desses sujeitos. Outros aspectos como etnia, orientação sexual, escolaridade, local de moradia, situação familiar, inserção no mundo do trabalho, gostos, estilos e adesão a grupos culturais, também marcam a vida do jovem e estabelecem sua relação com a religião ou religiosidade (RODRIGUES, 2007).

O jovem contemporâneo se depara com a possibilidade de pensar sobre a religião e seus desdobramentos para além daquilo que lhe foi ensinado. Este rompimento com o tradicionalismo, que, em outras épocas, era quase que imposto, reflete a própria desinstitucionalização religiosa, tema que tem sido analisado pelos estudiosos da religião, e que representa a busca pelo sentido de uma determinada narrativa religiosa, sem a mediação de uma instituição para que o sujeito se encontre com o sagrado (RODRIGUES, 2007).

Neste sentido, Andrade afirma que:

Recriam [os jovens] uma nova postura frente à pluralidade, construindo uma atitude mais eclética e provisória, podendo transitar em vários grupos religiosos, sem, necessariamente, identificar-se totalmente com nenhuma instituição. Isto é, entre outras coisas, uma consequência da secularização, que por sua vez, faz com que o indivíduo perca a credibilidade nas instituições religiosas e de sua interpretação como sendo a única em relação à fé (ANDRADE, 2008, p. 61).

Sem dúvidas, este aspecto modifica a função da religião na vida do jovem contemporâneo e contribui para o desenho de sua identidade, uma vez que este necessita ser uma testemunha de sentido, muito mais do que pertencer a um determinado grupo por convenção. Neste caso, a atribuição de sentido a uma determinada experiência religiosa está relacionada com a perda do monopólio das instituições religiosas sobre o sagrado, como aponta Luckmann (1973) citado por Rodrigues (2007, p. 63) e, ao mesmo tempo, e por consequência, conforme sublinha Andrade (2008) e Rodrigues (2007), com a possibilidade do sujeito de se relacionar diretamente e intimamente com o sagrado, atribuindo sentidos diversos a este, assim como a ritos, rituais, e outros elementos institucionais.

Destacamos, a seguir, alguns trechos relatados por nossos jovens, que ilustram apontamentos sobre a relação entre a religião a partir de parâmetros institucionais e de sentido:

A única coisa que eu espero da religião, que ela não dá, é respostas. Eu queria respostas para as coisas e eu não recebo. Se recebo, não interpreto direito (D.Q., 21 anos, espírita, História, Campo Mourão).

É importante crer em alguma coisa, se afirmar, seguir algum passo, um ensinamento que seja bom. Espero só crer em alguma coisa, não espero retorno. Cada um tem que correr atrás dos seus objetivos para poder conseguir algo (C.G.M., 22 anos, católico/evangélico, Geografia, Campo Mourão).

A religião para mim não tem importância alguma. O que importa para mim é Jesus Cristo, só. Eu, enquanto cristão, tenho uma ligação direta com Deus. Não preciso de uma igreja de quatro paredes para ter ligação com Deus porque eu sou a igreja. Da religião eu não espero nada. Eu espero de Deus. Eu espero que as pessoas sejam alcançadas pelo Deus que têm, e que a presença de Deus esteja na vida das pessoas (M.L.T., evangélico, 21 anos, História, Paranavaí).

Estes exemplos contribuem para reforçarmos que a religião, a mediação por parte de uma instituição, não é imprescindível para que a religiosidade seja exercida, já que é entendida por estes jovens como um subsídio secundário. Logo, a relação destes com o sagrado não implica, necessariamente, na existência ou vinculação a uma instituição, já que se dá de uma forma mais direta, jovem/sagrado-Deus. Salientamos que isto não representa que estes jovens não tenham uma crença em algo, mas sim que, para eles, a religião e a religiosidade podem ser entendidas e vivenciadas a partir de uma perspectiva pessoal, subjetiva e flexível.

Ainda neste sentido, devemos destacar o que Fernandes (2012) pondera sobre a experimentação religiosa, que se dá a partir de diferentes motivações e é um comportamento que está relacionado à forma que os sujeitos têm encontrado para lidar com suas angústias, conforme estudado por alguns sociólogos. Logo, se pensarmos a partir deste viés, podemos entender que a busca ou não por diferentes vinculações representa o ímpeto por encontrar respostas que sustentem questionamentos e angústias, próprias da modernidade. É importante destacar que isso não significa que não exista vinculação religiosa ou expectativas sobre essa, mas sim que a escolha sobre esta questão é menos definitiva.

Com o próprio declínio do tradicionalismo religioso, que influencia no aumento da mobilidade e fluidez nas vinculações, bem como de sujeitos que se declaram sem religião, as instituições religiosas têm adotado estratégias que visam a adesão e a permanência de seus membros, a partir da reconstrução de sua própria identidade. Para tanto, são organizados eventos, como a Jornada Mundial Juventude que provém da Igreja Católica, que objetivam atrair cada vez um número maior de jovens e reforçarem o sentido de pertença a uma determinada lógica institucional (FERNANDES, 2012). Em outras palavras, as instituições trabalham para se mostrarem atrativas em si próprias e, mais ainda, em relação às outras instituições, e para reforçarem a relevância que possuem para a vida dos sujeitos.

A exemplo disso, destacamos alguns trechos das entrevistas que realizamos, que demonstram que a religião possui importância na vida dos jovens, mesmo que os fundamentos religiosos institucionais ou as crenças pessoais não sejam as mesmas:

Eu acho que se resume a tudo, acho que Deus é acima de tudo. Eu acho que a religião vai explicar aquilo que a nossa mente não entende muitas das vezes. A questão da vida é algo que foge do nosso entendimento. Então as coisas que a gente não sabe explicar, é que Deus entra e nos ensina através da palavra dele, então se a pessoa não tem religião, ela, muitas vezes, não tem uma motivação, muitas vezes não tem a quem se apegar, não tem por quem ser socorrido... (O.G.T., 26 anos, evangélica, Pedagógica, Apucarana).

O único papel que eu espero da religião é que ela ajude ao próximo. É a única coisa que eu espero minimamente da religião. Que ela possa ajudar ao seu próximo, que ela possa ajudar aquele que não tem condições. Porque pra mim esse é o papel da igreja, é a comunidade. Então se ela não faz isso, pra mim não tem porque existir a igreja. E para mim a religião seria esse conjunto que torna uma pessoa boa. (R.G.I., 21 anos, católica, História, Campo Mourão).

Eu gostaria que sempre contribuísse para o meu crescimento pessoal e profissional, porque se você não tem uma religião, talvez seja mais difícil manter um convívio com as pessoas. Eu acho importante também você ter essa relação, porque as pessoas acreditam no mesmo que você, não é por causa da religião que não vai ter uma boa relação. (A.V.Z., 21 anos, evangélica, História, Campo Mourão).

Estes dados sugerem a relevância da religião e da religiosidade na construção da identidade destes jovens, uma vez que estes direcionam suas atitudes a partir de alguns princípios vinculados a esta dimensão, além de esperarem que estes contribuam para o seu desenvolvimento pessoal e/ou profissional. Ademais, percebemos a interferência e a importância que a religião assume nas relações interpessoais deste público, pois dispõe de valores e princípios considerados importantes para suas práticas sociais.

Sobre o exercício da experiência religiosa no contexto social, devemos destacar que a religião proporciona, através de dispositivos como encontros, grupos, viagens, acampamentos e outras atividades, a possibilidade de o jovem, além de se deparar com o sagrado, formar grupos, sentir-se acolhido e de articular habilidades como a oratória e a argumentação em diferentes segmentos de sua vida (RODRIGUES, 2007).

De todo modo, devemos compreender que a intenção da instituição religiosa em atrair os jovens por diferentes vias está voltada à propagação de uma mensagem, a partir da atualização e apreensão de um público. É evidente que pode haver conflitos nestes grupos, pois mesmo que partilhem de mesmas crenças e ideais, há a existência de disputa de poder e prestígio (RODRIGUES, 2007).

A experiência religiosa social, como toda e qualquer outra experiência, tem seus ganhos, mas também seus entraves. Um deles é o preconceito para com outras religiões e formas de crença, que pode ser verificado em alguns relatos, como os que são apresentados a seguir. Ao mesmo tempo, em nossos dados, observamos algumas falas de jovens que trazem a esperança de uma sociedade que seja formada por sujeitos respeitosos frente às próprias crenças e às do outro:

O que eu espero da religião é que ela seja mais reconhecida, que ela seja divulgada, que mais pessoas tenham acesso a ela. Os centros espíritas sempre são assim, casinhas sabe, não é aquele monumento que nem a Igreja Católica, a Igreja Universal, ela é mais escondidinha. Muita gente, só pelo nome “espiritismo”, tem um pouco de medo (B.J.Y., 25 anos, espírita, Geografia, União da Vitória).

A religião para mim é o freio da humanidade, ajuda a gente ter um freio. É no que ela me auxilia. Do espiritismo acho que as pessoas deveriam abrir mais a mente, porque você fala: “sou espírita” já te olham mal e acham que você está indo fazer macumba, mas não sabem nem o que é macumba. Então é isso que eu espero, que as pessoas abram mais a mente, conheçam as coisas, principalmente a religião espírita. E que as outras, em geral, parem de pedir dinheiro (A.T.L., 26 anos, espírita, História, Paranavaí).

Eu queria que as pessoas entendessem que a religião é uma coisa pessoal, e que a minha religião, e as regras que ela possui, são condizentes com a minha vida. Não posso esperar do outro que siga as regras da minha religião, por isso tem outras religiões no mundo. Cada uma tem seu Deus, suas regras, e as pessoas deviam entender que elas têm que seguir as regras delas, mas deixar que os outros sigam as regras deles (B.N.M., 21 anos, sem religião, Pedagogia, Paranavaí).

Neste sentido, Fernandes (2015) prolematiza justamente que, em um país como o Brasil, que é composto pela diversidade religiosa e pelo pluralismo, existem discursos em prol do respeito à crença do outro mas que, ao mesmo tempo, estes se mostram muito mais tolerantes do que respeitosos. Deste modo, os próprios atores religiosos que atuam na esfera pública encontram diferentes modos de evidenciar que as instituições que representam prezam pelo respeito ao direito do outro. Porém, o que se vê, na realidade, é a abordagem deste tema a partir de interesses pessoais.

É histórico, no Brasil, a perseguição às religiões não hegemônicas. Foi assim ao longo de todo o século XX contra protestantes, os espíritas e cujos ataques foram protagonizados pela Igreja Católica. Mezzomo (2008) pontua que havia um pensamento de supremacia desta em relação a outras religiões, de forma que acreditava-se que era necessário realizar um trabalho educativo e missionário frente a outras religiões; inclusive, eram realizadas mobilizações para a realização de campanhas contra o espiritismo e as religiões afro-brasileiras. Vê-se, portanto, que a intolerância religiosa não é uma marca exclusiva dos evangélicos.

Ao abordarmos este aspecto, devemos nos atentar sobretudo às religiões de matriz africana, tidas como minoria, as quais são mal entendidas e seus adeptos sofrem preconceito em diversos níveis. Quando o discurso de respeito é dirigido às mesmas, está muito mais

relacionado à tolerância do que à valorização e ao reconhecimento propriamente. Podemos argumentar que outros segmentos religiosos considerados tradicionais, como o próprio cristianismo, também sofrem ataques intolerantes voltados a elementos integrantes como símbolos, comportamentos e ritos; no entanto, não podemos negligenciar o fato de que estas religiões possuem influências históricas e substanciais que as dirigem rumo ao reconhecimento (FERNANDES, 2015).

Tratar sobre as diferentes manifestações religiosas no Brasil é um tema complexo, na medida em que ocorrem constantemente ataques pessoais e destruição de espaços religiosos, sobretudo os de origem afro-brasileira. Algumas notas divulgadas pela imprensa brasileira⁹, ilustram este fato. Em 2017, foi publicado na Agência Brasil a realização de manifestações em prol da tolerância religiosa na zona Oeste do Rio de Janeiro. Também no Rio de Janeiro, em 2019, pudemos acompanhar o ataque a um terreiro de Candomblé, no qual o responsável local foi obrigado pelos criminosos a destruir todos os símbolos que representavam os orixás. Frente a este ato, em julho do referido ano, foi organizada uma caminhada em Nova Iguaçu – Rio de Janeiro, a fim de mobilizar governantes e a população em relação ao ocorrido. Fatos como estes nos levam a refletir sobre a intolerância e os ataques existentes a determinadas crenças em um país de formação cultural heterogênea, inclusive que se fundamenta a partir de influências africanas.

Outro ponto marcante em relação às compreensões dos jovens sobre a religião e suas vivências sociais, estão no tocante da possibilidade da religião enquanto um dispositivo que fomenta o pensamento crítico e demonstra-se aversivo ao doutrinador:

Depois que eu entrei na faculdade eu comecei a me desligar um pouco [da religião], não que eu não acredite mais, tem importância sim, mas eu não fico do jeito que a minha família fica, sabe? Tudo é por Deus, tudo fica chamando Deus, eu acho que tem coisa que não adianta você ficar chamando Deus. Eu acredito que ela [a religião] deveria ser mais crítica, de conversar mais com as pessoas, não só ficar lá na frente falando que a Bíblia diz isso, que a Bíblia diz aquilo, que se você não fizer isso você vai para o inferno. Eu acho que ela devia fazer as pessoas pensar sobre a realidade delas, eu acho que se a igreja fizesse isso seria bem melhor para a sociedade do que ficar impondo essas coisas (S.J.C., 25 anos, evangélica, Pedagogia, Campo Mourão).

Da religião, como um todo, eu espero que continue fazendo seu trabalho de ter um incentivo diante da sociedade, que ajude mais o próximo do que em outros casos. Espero que a religião seja compreendida pelas pessoas. Espero

⁹ Links para acesso completo às notas publicadas: <http://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-12/manifestantes-pedem-tolerancia-religiosa-em-caminhada-na-zona-oeste>; <https://oglobo.globo.com/rio/intolerancia-religiosa-manifestantes-fazem-ato-em-nova-iguacu-23807458>.

que ela seja compreendida por boa parte da população, coisa que não é. Muitas pessoas vão à igreja pensando que ir à igreja é só rezar e ir embora. Religião é mais do que isso, e já interferiu em muitas coisas na humanidade. (M.E.Z., 21 anos, evangélico, Filosofia, União da Vitória).

A partir destas falas, podemos considerar que a religião não somente tem a função de mobilizar emocionalmente os fiéis, ou de impor determinados preceitos, mas de ser compreendida de forma ampla. Portanto, observamos que, para esses jovens, é importante que a mesma promova debates e fomente discussões que estimulem o senso crítico dos sujeitos, o que pode interferir na implicação destes na própria constituição social e na forma que vivenciam sua religiosidade. Deste modo, podemos perceber a preocupação destes jovens em questionar a religião e vivenciar sua religiosidade a partir daquilo que se identificam e acreditam, e não do que é simplesmente imposto pelas instituições e doutrinas.

De todo modo, a trajetória religiosa dos jovens e as formas como estes compreendem essa dimensão interferem na constituição identitária e social destes sujeitos. Algumas habilidades, como o senso crítico e argumentativo sobre aspectos políticos e assuntos que permeiam esta esfera, podem ser fruto de uma trajetória religiosa (FERNANDES, 2015). Diante disso, para além de cultivar determinadas crenças e significar determinados elementos, a vivência religiosa repercute na forma com que o jovem se posiciona perante assuntos polêmicos ou tidos como tabus sociais. A relação entre política e religião, por exemplo, é um tema de possível discussão, conforme já apontando neste trabalho. Para tanto, tratamos sobre tal assunto no eixo que segue.

2.3 “Uma coisa não se mistura com a outra!”: perspectivas juvenis sobre a relação entre religião e política

Neste eixo temático, tratamos das relações entre religião e política, uma vez que as entrevistas demonstram que a maioria dos jovens percebem a conexão entre tais dimensões, e tomam posição de alguma forma frente a esta dinâmica. Por isso, as questões selecionadas para compor esta parte do trabalho tratam de assuntos que despertam posicionamentos pautados tanto em valores pessoais como em uma dimensão político-social, como o aborto e a possibilidade de discussão ou não da política institucionalizada no ambiente religioso.

Consideramos que estas questões são pertinentes para elucidarmos a relação objetivada neste eixo, uma vez que permitem que o jovem manifeste sua opinião e posicionamento sobre assuntos que perpassam tanto a dimensão religiosa como a política, trazendo influências no modo como o sujeito constrói sua identidade e atua em sociedade.

Já esclarecemos anteriormente sobre a possibilidade de pensarmos em pontos de intersecção entre política e religião, aspecto que foi abordado nas entrevistas realizadas com os jovens de nossa pesquisa. É certo que são realizados questionamentos e críticas em torno dos limites da interferência religiosa em assuntos do Estado, principalmente por este ser reconhecido como laico e democrático. As discussões sobre estes elementos perpassam a indagação sobre aquilo que é considerado, muitas vezes, parte da vida privada – religião – e do espaço público – política (PÁTARO; MEZZOMO, 2018).

Destacamos que não há um ponto de prevalência da política sobre a religião, ou vice-versa, mas sim da possibilidade de ambos interferirem nos processos identitários dos jovens de forma relevante (PÁTARO; MEZZOMO, 2018). Até porque, ao considerarmos que o jovem tem a oportunidade de atuar na sociedade contemporânea e, ao mesmo tempo, as instituições religiosas ofertam caminhos para isso por intermédio de mecanismos religiosos, os mesmos expressam suas opiniões, críticas ou, ainda, se abstêm a partir de algum valor aprendido (RODRIGUES, 2007; FERNANDES, 2015).

A partir destas considerações e das análises de nossos dados, observamos que alguns jovens entrevistados demonstram que compartilham da ideia de que religião e política se relacionam, e por isso podem ser discutidas em conjunto, de modo que esta relação representa a possível aproximação entre identidades parecidas, o que acarreta, para além de um princípio organizativo social, mobilizações coletivas em prol de objetivos comuns. Porém, os jovens explicitam ressalvas em torno desta possível relação, quando esclarecem, principalmente, que as discussões devem ocorrer de forma apartidária e com fins educativos. Os trechos a seguir ilustram tal posicionamento:

Eu acredito que é bom, que é necessário, a religião também educa. Às vezes a gente ouve: “não vamos misturar uma coisa com a outra, uma coisa é uma coisa outra coisa é outra coisa”. Eu acho que está tudo interligado – política e religião –. Eu acredito que pode ter vínculo de falar e comentar de uma forma que oriente os fiéis (T.A.I., 22 anos, católica/espírita, Pedagogia, Apucarana).

Querendo ou não, a política está no dia a dia. Então, de vez em quando, tem que entrar nesses assuntos. Mas pelo o que eu vejo, a igreja não interfere em quem você vai votar, mas fala no geral que tem que partir de nós mesmos. Ninguém fala assim: “vota nessa pessoa”. Mas eu sei que no geral, fala que tem que partir do ser humano (F.A.B., 22 anos, católica, Pedagogia, Campo Mourão).

Sim, há essa orientação da religião para a política e eu acho necessário, porque a religião, a igreja é formada de pessoas. Ela é o núcleo da sociedade, deve haver sim essas discussões voltadas ao interesse comum. Eu acho que,

desde que não penda para a parcialidade de ser partidária, sempre confirmando o valor moral da cidadania, eu acho válido e necessário. Não se descontextualiza a religião da sociedade (M.M., 22 anos, católico, Filosofia, União da Vitória).

É importante destacar que as instituições religiosas, ao se relacionarem com questões sociais, estão imprimindo seus próprios valores, de modo que encontram nos jovens a possibilidade de disseminarem suas crenças e afetar, cada vez mais, a vida social. Pátaro e Mezzomo (2018, p. 815) destacam justamente que a dimensão político-religiosa, para além da associação a partidos políticos, mostra-se presente na vida do jovem e estimula seu engajamento por intermédio de conselhos de juventude, coletivos juvenis, redes sociais, fóruns, entre outros.

Castro (2016) discute que a inserção do jovem na vida pública, a partir de novas formas de vinculação, é uma forma de criticar a própria política tradicional. O autor comenta que a cultura é uma dessas vias que permite que o jovem se manifeste e expresse suas indignações em relação à sua estrutura social, por meio de manifestações sociais, por exemplo, o que não confere ao jovem o rótulo de apático frente a política. As seguintes falas exemplificam esta relação entre sujeito e política por diferentes vias, que evidenciam ações ou atividades políticas:

Nós participamos do movimento estudantil, no ano passado, quando houve a ocupação aqui na instituição, eu também fiz parte desse movimento estudantil, atualmente eu participo mais das discussões para o Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia (A.T.M., 29 anos, evangélica, Pedagogia, Campo Mourão).

Eu participei do DCE aqui da faculdade. Quando tinha a FEME eu participei da FEME (Frente Feminista) também, aqui de Paranavaí (A.T.L., 26 anos, espírita, História, Paranavaí).

Eu acho que na sala de aula, quando realizamos trabalhos em grupos e temos que apresentar, algum assunto polêmico, por exemplo, cotas, discutimos a Lei. Então dentro da sala de aula já se discute política (F.A.B., 22 anos, católica, Pedagogia, Campo Mourão).

É importante entender que, quando tratamos de elementos culturais, devemos nos lembrar que estes são efetivos quando partem de um modo próprio de ser jovem, ou seja, a partir do entendimento da existência de “juventudes”. Neste sentido, Novaes (2012) menciona, em seu trabalho, que o hip hop e seus elementos constituem uma das vias que

integra o jovem, a partir de sua cultura, a elementos sociopolíticos, o que possibilita, via manifestações artístico-culturais, a integração do jovem à sociedade.

Por outro lado, conforme destaca Fernandes (2009), há um movimento de uma parcela da juventude que demonstra, além de um desprezo por associações políticas, uma dificuldade em se mobilizar para outras atividades sociais que tenham como plano de fundo a intervenção política, como as atividades voluntárias. No trecho a seguir, uma jovem justifica o porquê de não realizar nenhuma atividade voltada ao segmento político:

Você vê que não são os mesmos princípios e não tem interesse. Eu nunca tive interesse por essa questão, porque você vê que é assim: ou entra no mesmo esquema, ou não consegue ficar. Então eu nunca participei e nunca tive vontade (F.A.B., 22 anos, católica, Pedagogia, Campo Mourão).

Castro (2016) pontua que, no atual momento político e social, há um esvaziamento na política, sendo que o jovem não se sente representado e demonstra certa desconfiança em relação às instituições. Isso tudo interfere no modo como esse ressignifica a esfera política e sua identidade neste cenário, mesmo que possamos perceber e pensar que a juventude tem criado novas formas de lidar com tais questões. Vejamos alguns trechos das entrevistas que vêm ao encontro de tais colocações:

Acho que é, a partir do momento que a pessoa entra na política ou se envolve diretamente com política, ela muda sua visão. Vai seguir uma realidade voltada para seus interesses, ela não vai pensar no próximo, mas sim em si. As pessoas tem um pensamento legal para trabalhar as propostas, no entanto, não colocam em prática. Acredito que sejam corrompidos (S.S.T., 22 anos, católica, Geografia, Campo Mourão).

Eu acho que a política em si, não é que ela não seja boa, mas as pessoas que estão dentro da política fazem com que ela não seja tão boa como deveria ser. O político deveria contemplar os cidadãos, deveria levar uma melhoria para a sociedade, e nem sempre acontece isso. Às vezes a população em geral fica de fora. O político se baseia no que lhe está próximo no setor público: câmaras, Senado. Quem ganha na verdade é quem está lá dentro (A.V.Z., 21 anos, evangélica, História, Campo Mourão).

Desta forma, quando pensamos sobre o entrelaçamento entre política e religião, não podemos desconsiderar que há uma aproximação entre política e religião, mesmo que o Estado seja considerado laico. Tais elementos podem ser observados como pontos de conflitos para alguns de nossos jovens participantes das entrevistas, os quais se posicionam contra a

ideia de que política e religião são questões que possuem entrelaçamento e devem ser discutidas em conjunto. Vejamos os trechos a seguir:

Eu acho que uma coisa não se mistura com a outra, eu acho que cada pessoa tem que ser criteriosa quando for eleger um representante político, cada um tem que ter a sua opinião, eu acho que religião não é para falar sobre isso, religião é para pregar a palavra de Deus. Uma coisa é espiritualidade, outra coisa é política (O.G.T., 26 anos, evangélica, Pedagogia, Apucarana).

Eu sou contra envolver política e religião, seja ela qual for, porque já é muito difícil você governar, você representar um povo que é heterogêneo, e quando você vai para um segmento religioso você sempre vai ter uma tendência, e algum grupo vai ficar descontente. Eu sou contra, porque as pessoas que praticam, que são políticos e religiosos, não conseguem afastar a crença pessoal de seu papel social: representantes de um povo. Isso afeta a vida de milhares de pessoas negativamente (D.Q., 21 anos, espírita, História, Campo Mourão).

Podemos observar o descontentamento desses jovens ao pensarem na possibilidade de concatenar e discutir religião e política, fato este que, em nossa sociedade contemporânea, tem sido bastante debatido, justamente devido à crescente e significativa participação de religiosos na política, o que interfere em diferentes esferas sociais e nas próprias políticas públicas. Os evangélicos pentecostais e neopentecostais têm se mostrado presentes em relação aos projetos políticos, mesmo que marquem essa participação a partir de uma heterogeneidade interna do movimento evangélico. Para além dos grupos evangélicos, os católicos também se mostram presentes, tanto a partir de políticos religiosos e de religiosos políticos. Esta aproximação fomenta discussões abrasadas e que afetam o campo dos direitos humanos de nosso país (ORO; TADVALD, 2018; ORO, 2003;) ORO; MARIANO, 2010; TADVALD, 2017).

É justamente neste contexto que podemos observar alguns episódios de um significativo envolvimento de elementos religiosos na política, como a obrigatoriedade do Ensino Religioso nas Escolas Públicas no Brasil, mesmo que a Constituição Republicana de 1891 tenha estabelecido o Brasil enquanto um estado formalmente laico (VALENTE, 2018). A questão, neste sentido, não se trata do ensino religioso em si, mas sim do ensino de práticas religiosas fortemente reconhecidas, como o cristianismo. Deste modo, podemos pensar em tantas outras agendas e pautas que são discutidas a partir do viés religioso, mas que possuem em sua estrutura traços sociopolíticos, como o Movimento Escola sem Partido, a discussão sobre a chamada “ideologia de gênero” e a legalização ou não do aborto.

Todas essas discussões evidenciam a existência de grupos político-sociais formados por jovens, que são paradoxos em sua existência, pois alguns demonstram certa militância, a partir de lutas que resguardem os direitos humanos e das minorias, e outros demonstram uma forte inclinação para políticas conservadoras, que, em sua maioria, explicitam valores religiosos que presumem uma certa moral social a ser seguida (VALENTE, 2018).

Diante dos temas que são abordados na esfera política e religiosa, decidimos abordar em nossa pesquisa a temática do aborto, justamente por envolver uma discussão complexa entre os princípios políticos e religiosos. É notório que esta discussão gera disputas que afetam as políticas públicas e a legislação nacional.

Neste aspecto, alguns políticos, com vinculações religiosas fundamentalistas, são criticados por seu discurso tradicionalista e conservador, contrário à liberação do aborto, o que pode representar um confronto com o que podemos entender sobre a laicidade do Estado, já que se considerarmos no mesmo, as premissas religiosas não deveriam interferir na organização governamental (MACHADO, 2012, 2017). É possível observar notoriamente que tanto católicos como evangélicos unem-se em torno de bancadas e comissões chamadas pró-vida, para discutirem este tema a partir de seus princípios e valores cristãos.

Devemos considerar que, do ponto de vista religioso, em sua maioria, há a aparição de posicionamentos que se dizem a favor da preservação da vida do feto e, portanto, contrárias ao aborto, independentemente dos motivos pelos quais este pode se dar, já que se considera que há vida desde a fecundação e ceifá-la seria um pecado. No Brasil, é sabido que a descriminalização do aborto é uma pauta discutida, justamente porque este é um campo em disputa, em que diversos grupos apresentam propostas por vezes conflitantes. Há grupos e movimentos sociais que conflitam com as noções fundamentalistas e políticas restritivas sobre o aborto, e que pautam a liberdade de escolha da mulher, o direito destas sobre seus corpos, e as condições sociais, culturais, econômicas e de poder que levam à prática do ato (MACHADO, 2012; MACHADO 2017).

Este tema é invocado a cada nova eleição, seja nacional, regional ou local. As eleições presidenciais de 2010 são um exemplo destas discussões, pois foram marcadas por acontecimentos importantes, como a participação de atores religiosos que se apresentaram de forma individual ou coletiva no decorrer do processo eleitoral, assim como a eleição da primeira mulher a ocupar a presidência da República. Nas pautas eleitorais, estavam presentes assuntos como o aborto e a homossexualidade. Neste cenário, líderes religiosos atuaram intensamente para manter a política institucional nos marcos ideológicos cristãos (MACHADO, 2012). É necessário destacar que noutros pleitos, como em 2014 e 2018, esta

discussão também esteve presente. Nestes embates, o Partido dos Trabalhadores (PT), entre outros que podem ser caracterizados como de esquerda, é acusado de defender o aborto, o que gera um desconforto por parte dos religiosos, predominantemente católicos e evangélicos, que se unem, a partir deste argumento, para manifestarem-se, através de marchas, por exemplo, contra o partido. Essas articulações são importantes para que possamos entender por que, em algumas situações, há a defesa de minorias, como do grupo LGBT e, ao mesmo tempo, em outros momentos, há a manutenção de um conservadorismo exacerbado.

Não podemos esquecer que muitos sujeitos que apresentaram e apresentam suas candidaturas, possuem uma carga religiosa notável, o que interfere no modo como se posicionam frente aos diferentes assuntos. As frentes religiosas¹⁰ são um exemplo de que política e a religião estão interligadas e, por consequência, de que assuntos que perpassam esta relação, como o aborto, se passam no Congresso Nacional e repercutem em Assembleias Estaduais, recebendo, portanto, atenção destes grupos. Para ilustrar esta questão, podemos mencionar que os líderes da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em 2010, demonstram apoio à campanha petista, conflitaram com seus pares pentecostais e tentaram, de todo modo, desconstruir a associação da candidata do PT – Dilma Rousseff – à temas como a descriminalização do aborto e da união civil de pessoas do mesmo sexo (MACHADO, 2012). Precisamos ressaltar que, embora o apoio tenha ocorrido neste ano, podemos notar que, em 2014 e 2018, este se dirigiu aos partidos de esquerda, de modo que isso demonstra que as posições das Igrejas são dinâmicas.

Em nossa pesquisa, a questão realizada aos jovens em relação ao aborto demandava que os mesmos revelassem seu posicionamento e o de sua religião em relação ao tema. Pontua-se que todos os jovens relataram que sua religião não é a favor do aborto. No entanto, os posicionamentos dos sujeitos frente a este tema variaram. Os trechos a seguir refletem, em linhas gerais, os posicionamentos dos jovens a favor do aborto, independentemente da argumentação de sua religião:

A minha posição é a favor independentemente da situação, porque eu tenho direto sobre meu corpo para fazer o que eu quiser com ele (B.N.M., 21 anos, sem religião, Pedagogia, Paranavaí).

¹⁰ A fim de uma breve contextualização e ilustração sobre as frentes religiosas, expomos que as lideranças da Assembleia de Deus dividiram-se entre as candidaturas do Partido Verde (PV), Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido Social Democrata do Brasil (PSDB).

A minha religião é contra, mas eu acho que o corpo é da mulher e ela que tem que tomar a decisão melhor (S.G.G., 21 anos, católica, Pedagogia, Campo Mourão).

Eu acho que deveria ser liberado no Brasil, eu acho que não é a igreja e não é ninguém que tem que decidir o que eu vou fazer com meu corpo, nem quem é o pai da criança. Quem vai ter que aguentar e quem vai ter que lidar com as consequências sou eu (F.L.A., 21 anos, sem religião, Pedagogia, Paranaguá).

Em relação aos participantes que se posicionaram em favor do aborto, em sua maioria, as justificativas do motivo desta postura estão relacionadas com a liberdade de escolha de cada mulher, mesmo que sua religião recrimine tal atitude. Podemos perceber que este grupo de jovens compreende as influências das instituições religiosas no trato de assuntos de ordem política e social, formulando seus posicionamentos com certo distanciamento das influências institucionais. Por outro lado, nossos dados apontam posicionamentos de jovens que se mostram coerentes com o que é pregado em suas igrejas, mesmo que se mostrem flexíveis em relação ao aborto em algumas situações específicas. Vejamos:

A minha religião não é a favor. Ela dá recomendação de que é uma vida e que não se pode tirar uma vida, eu acho que está certo. Temos um monte de coisas para se cuidar, um monte de métodos e quando a gente engravida, o serzinho não tem culpa (S.B.W., 22 anos, católica, Pedagogia, Paranavaí).

A minha religião não apoia essa questão do aborto. Eu não sou a favor do aborto, acho que se está gerando uma vida e, de como foi cometido esse ato, de como surgiu essa criança, nada deve impedir que esta criança nasça. Se foi um estupro ou um relacionamento que não deu certo, isso não deve impedir. A criança não tem culpa (S.J.I., 21 anos, católica, Geografia, Paranavaí).

Bom, seguindo a Bíblia – e na minha Igreja, como ela segue a Bíblia – ninguém tem o direito de tirar a vida. Dar e tirar a vida, é só Deus. No meu ponto de vista, também. Eu sou contra o aborto, porque já foi comprovado que, nas primeiras semanas, quando se forma o sistema nervoso de uma criança, ela já está ali raciocinando. (A.I.M., 25 anos, evangélica, Pedagogia, União da Vitória).

Eles [igreja] são contra. Não estão totalmente errados, tem várias leis. Agora tem aquela questão da legalização do aborto, quando a pessoa é vítima do estupro, alguma criança que tenha alguma deficiência ou que seja comprometedor, acho que tem exceções, não muitas. Não sou a favor totalmente. “Não quero ter um filho eu vou abortar!” Quem mandou fazer né? (C.G.M., 22 anos, católico/evangélico, Geografia, Campo Mourão).

Podemos ainda observar que alguns jovens que disseram que não possuem uma opinião formada sobre o aborto, justificam que compreendem a posição da igreja em relação ao tema, mas, ao mesmo tempo, também pensam que existem algumas situações nas quais o aborto poderia ser permitido, como em situações de estupro. Os entrevistados dizem não saber qual posicionamento seria o mais coerente, de forma que preferem não adotar uma posição definitiva sobre o assunto, nem a favor e nem contra os preceitos religiosos, justamente por julgarem esta temática delicada e que está relacionada a diversos fatores. Seguem os exemplos deste posicionamento:

Na minha religião não pode ter o aborto, até nessas questões que a mulher sofre alguma violência. Eles também não concordam porque é uma vida, independente do que aconteceu. Mas, nessas questões, eu já não sei falar, porque só quem passa que vai saber. Se a mulher passou por uma violência e que abortar, eu não sei. Quem sou eu para julgar se ela vai ou não? Mas assim, independente é uma vida também que está em jogo, a criança também não tem culpa. É uma questão meio complicada (F.A.B., 22 anos, católica, Pedagogia, Campo Mourão).

São situações delicadas. É difícil ter uma resposta objetiva. Na verdade, nessa questão do aborto, o que mais eu reprovo são essas respostas radicais entre o sim ou não, o que está em jogo no aborto são vidas. Desse ponto de vista, é claro que acima de tudo se defende uma vida humana sem porquês, mas também, quando a vida humana que está em jogo é da mãe, também é uma questão complicada de dizer. Então eu não saberia uma resposta precisa do que eu acho ou penso do aborto (M.M., 22 anos, católico, Filosofia, União da Vitória).

Percebemos, neste eixo temático, a diversidade de opiniões e posicionamentos em torno de assuntos que podem ser considerados polêmicos, como o aborto. Alguns jovens posicionam-se frente a determinado assunto de acordo com os princípios de sua religião. Outros afastam-se destes, mas não desconsideram as orientações de sua religião, apenas posicionam-se e atribuem outros significados, de acordo com aquilo que acreditam individualmente. Percebemos que alguns jovens tentam sustentar o discurso de que religião e política não se discutem e não se aproximam, no entanto, isto se torna um tanto controverso quando entramos em contato com determinados comentários que marcam a relevância de se discutir política e, mais ainda, em um ambiente religioso que passa a representar um espaço que, além da formação espiritual, contribui para o estabelecimento de uma sociedade permeada por questões que envolvem diferentes sujeitos, condições e contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de juventude, conforme Feixa e Nilan (2009) e Margulis e Urresti (1996), está associada a uma multiplicidade de situações sociais que envolve esta etapa da vida. Por consequência, existem diferentes maneiras de ser jovem, já que os marcos históricos, sociais, temporais e culturais se manifestam de maneira diversa para cada jovem e espaço. Ainda neste sentido, Feixa e Nilan fazem uso do conceito de hibridização, que se refere à forma com que diferentes elementos interagem e influenciam-se, sugerindo uma tendência de que diferentes aspectos culturais não se restrinjam apenas a um grupo social, mas afetam outras constituições. Com isso, os autores destacam a necessidade de compreender não apenas as interações sociais, mas também suas influências para a constituição da juventude em diferentes cenários.

No decorrer de nossa pesquisa, nos preocupamos em esclarecer que, quando tratamos de jovens, levamos em consideração sujeitos individuais, que possuem desejos e maneiras próprias de vivenciar situações no decorrer da vida. Portanto, tratamos em nossos estudos de juventude a partir da noção de “juventudes”, buscando entender que as vivências plurais juvenis requerem ser compreendidas a partir de elementos socioculturais que permeiam e interferem na constituição desta população.

Especificamente, em nossa pesquisa, abordamos os estilos de vida, crenças e compreensões de jovens universitários de diferentes campi da Unespar, o que representa um elemento a mais ao tratarmos de juventude, uma vez que os mesmos estão em contato com o meio acadêmico e possuem experiências próprias neste contexto. A formação de novos grupos, posicionamentos, ou mesmo a resignificação de papéis sociais estão presentes neste cenário em que o jovem, dentro de um registro moderno, se depara com as próprias crenças religiosas, muitas vezes cristalizadas por segmentos tradicionais, em relação à ciência, que se apresenta como uma produtora de verdades concretas (SWATOVSKI; SILVA; ALVARENGA, 2018).

O estudo com jovens universitários nos proporcionou compreender que os mesmos possuem suas religiosidades diversas e, portanto, opiniões que variam de acordo com suas vivências individuais, o que reafirma a importância de entendermos o jovem a partir de diferentes dimensões, considerando aspectos culturais e socioeconômicos.

Quando compreendemos os jovens a partir de diferentes dimensões, assumimos que este é complexo e que sua identidade é constituída a partir de diferentes traços, o que interfere

no modo como este se relaciona com a sociedade, com seus pares e familiares. Nesta pesquisa chamamos a atenção para as interferências da dimensão religiosa na formação juvenil, em especial daqueles que participam do contexto universitário, pois entendemos sua influência na constituição da identidade desses sujeitos, isto é, para o modo como percebe e opina sobre questões sociais, assim como direciona sua vida.

Sobre isso, ainda gostaríamos de destacar que a forma que as instituições religiosas atraem os jovens também sofreu mudanças, haja vista que precisam realizar um esforço para serem atrativas, por meio da formação de grupos e ações que despertam no jovem o desejo em se tornar mais um membro da instituição. Acerca deste aspecto, podemos entender que não são apenas os jovens que passaram a vivenciar a religiosidade de forma diferente, mas que, diante das mudanças sociais, as próprias religiões tiveram que repensar suas intervenções para atrair e manter um grupo de crentes, que contribuirão para a continuidade das mesmas.

De todo modo, quando tratamos de religião e juventude, entendemos que estamos abordando um assunto complexo e que recebe a influência de diferentes elementos sociais. Nos eixos temáticos, a partir dos quais os dados foram analisados, nos esforçamos para, através das discussões, evidenciar que a relação entre juventude e religião se trata de um desenvolvimento social e político e que, portanto, é dinâmico.

Existem autores que problematizam sobre as influências da religião ou da religiosidade no que tange à vida dos jovens. Para que pudéssemos compreender os posicionamentos dos mesmos, tratamos de realizar um levantamento que pode ser caracterizado como estado da arte. Nesse movimento, observamos que o modo como jovem lida com sua crença na sociedade contemporânea é diferente de em épocas anteriores, uma vez que tem a oportunidade de se relacionar com a sociedade para além de parâmetros tradicionais e institucionais. Isso significa que os jovens têm a possibilidade de subjetivação e individualização da crença; o que permite considerar a fluidez das relações do sujeito com sua religiosidade ou com as instituições religiosas, e indica a superação de uma tradição imposta e a possibilidade de novas construções religiosas a partir da identificação.

Quando consideramos tais influências contemporâneas, pensamos como estas podem ocorrer para os jovens universitários, pois, ao falarmos sobre este grupo, problematizamos sobre um modo de ser jovem dentro de um contexto formado por diferentes perspectivas culturais e religiosas – a universidade (NOVAES, 2017). A forma como o jovem interage com seus pares ou, ainda, como maneja suas apreensões científicas com suas crenças pessoais, perpassa, necessariamente, pelas motivações e crenças religiosas de cada um.

Tratando-se da crença a partir desta ótica, podemos observar e compreender que a religião, diferente do que se possa pensar devido a uma noção estreita de secularização, se apresenta como importante para a vida social; no entanto, é vivenciada de uma forma particular, de modo que cada sujeito busca para além de vinculações institucionais, serem construtores de sentido. A crença religiosa é vivenciada a partir de experimentações, de momentos em que o sujeito não necessita estar vinculado a uma determinada instituição religiosa para manifestar sua fé. Inclusive, esta informação mostrou-se presente em nossos dados e discussões, uma vez que alguns jovens participantes da pesquisa se declararam sem religião, mas que possuíam diferentes crenças, quando, inclusive, participavam esporadicamente de certos ritos religiosos.

Não podemos desconsiderar que, embora o jovem tenha a possibilidade de vivenciar sua crença individualmente a partir da liberdade do cenário contemporâneo, o mesmo ainda pode sofrer situações de preconceitos e intolerância, pois a liberdade existe até o ponto em que os sujeitos escolhem se relacionar com religiões reconhecidas socialmente.

Em nossa pesquisa também consideramos a dimensão religiosa como um aspecto que está presente na sociedade e que interfere no modo como esta se organiza politicamente, mesmo que estejamos em um Estado considerado laico. A exemplo disso, podemos mencionar a incidência cada vez maior da participação de religiosos políticos ou de políticos religiosos em assuntos que contemplam agendas marcadamente políticas, quando são defendidas pautas eclesiais, como a obrigatoriedade da disciplina de Ensino Religioso nas instituições de ensino, bem como diretrizes sobre o que é moral ou não, como o aborto.

Neste aspecto, entendemos que este assunto fomenta debates calorosos de cunho político e religioso, haja vista que as instituições religiosas interveem, através de discursos conservadores, sobre o que deve ser legal ou não. A descriminalização do aborto é um assunto que coloca em destaque as discussões de grupos sociais, que defendem seus próprios interesses.

No que se refere a esse assunto, nossos dados demonstram que existem jovens que, apesar de participarem de determinadas instituições religiosas que têm posição clara contra a descriminalização do aborto, são a favor de que o aborto seja uma decisão individual. Este fato evidencia, mais uma vez, que o jovem vivencia sua crença de modo singular e plural e que, mesmo que faça parte de um determinado grupo religioso, se apresenta como um sujeito crítico e defensor de seus próprios ideais, marcados pela ressignificação e prática individual. Por outro lado, também podemos observar que alguns jovens preferem não opinar sobre o assunto ou então possuem opiniões similares às de suas instituições religiosas, ou seja, são

contra o aborto. Este fato evidencia que as religiões, apesar de perderem certa articulação em relação a outros períodos históricos, ainda possuem influências sociais e que estão presentes na constituição das identidades juvenis.

Entendemos que a dimensão religiosa para alguns de nossos jovens é compreendida como uma prática individual, na qual a experimentação e a identificação com determinada crença são essenciais; em outros, observamos que as influências familiares e de amigos são importantes para a vinculação religiosa. De todo modo, tal dimensão se faz presente na vida dos jovens através de intervenções sociais, formação de opiniões, posicionamentos e críticas, como ilustrado no parágrafo anterior, no modo como se posicionam na universidade ou em outros ambientes que frequentam, assim como na forma como se relacionam com seus pares e familiares.

Por fim, destacamos que os estudos interdisciplinares contribuem para que possamos compreender, a partir de diferentes aportes teóricos, como os sujeitos se relacionam em sociedade a partir da dimensão religiosa que os constituem. Quando falamos de juventude, estamos sendo ainda mais específicos em nossas investigações e análises, uma vez que a juventude, por si só, já representa inúmeras possibilidades de lidarmos com uma mesma dimensão, pois é constituída a partir de diferentes traços.

REFERÊNCIAS

50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**, 13 de janeiro de 2020. Política. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>. Acesso em: 16. jan. 2020.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 3, 2001.

ALVARENGA, Augusta Thereza de et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (Orgs.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011, p. 3-68.

ANDRADE, Fernanda Maria Arruda dos Santos. **Identidade e religião: uma análise da construção da identidade religiosa juvenil**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

AZEVEDO, Virginia Caeli Castro et al. Laboratório dialogal fé e razão: um encontro possível no âmbito universitário. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 7, n. 19, p. 23-30, 2017. Disponível em: <http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1171>. Acesso em: 5 de jun. 2018.

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 51-60, 2017.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. “Santinha em tudo quanto era canto”: um estudo sobre jovens mulheres universitárias cristãs. **Revista COCAR**, Belém, v. 10, n. 19, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERGER, Peter. **Dossel sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRASIL. Secretaria Nacional da Juventude SNJ. **Estatuto da Juventude**: lei n. 12.852, de agosto de 2013. Brasília: SNJ, 2014.

CAMURÇA, Marcelo. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião**. Enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 249-267.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; TAVARES, Fátima; PEREZ, Léa. Religião, pertencas, crenças e valores na juventude de Minas Gerais. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 13, p. 407-428, 2015.

CARRANO, Paulo. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 27, p. 83-100, 2012.

CASTRO, Lucia Rabello de. Jovens na política: tensões e paradoxos no contemporâneo. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; HAHN, Fábio André (Orgs.). **Religião, Cultura e Espaço Público**. São Paulo: Olho D'Água, Campo Mourão: Fecilcam, 2016, p. 97-121.

COMAZZETTO, Letícia Reghelin et al. A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 145-157, Mar. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100145&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2020.

CUNHA, Christina Vital da; LOPES, Paulo Victor Leite, LUI, Janayna. Conclusão: Reavaliando categorias sociais: como pensar os evangélicos na sociedade e na política no Brasil contemporâneo. In: CUNHA, Christina Vital da; LOPES, Paulo Victor Leite, LUI, Janayna. **Religião e política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll e Instituto de Estudos da Religião, 2017, p. 111-134.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003.

FEIXA, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. **Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais**, Paraíba, n. 31, p. 13-28, 2009.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política? **Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas**. Seropédica, v. 29, n. 2, p.152-165, 2007.

FERNANDES, Sílvia. Sociologia da religião, pluralismos e intolerâncias: pautas contemporâneas. **Contemporânea**, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 289-308, jul./dez. 2015.

FERNANDES, Sílvia. A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença. Entrevista concedida por e-mail. **Revista IHU On-Line** de 07 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamosfalando-de-re-construcao-de-identidade-religiosa-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>>. Acesso em: 12 out. 2017.

FERNANDES, Sílvia. Juventude nas igrejas e fora delas: crenças, percepções da política e (des)vinculações. **Tomos**, Sergipe, n. 14, p. 99-126, jan./jun. 2009.

GATTI, Bernadete. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GIDDENS, Anthony. Os contornos da alta modernidade. In: GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 17-38.

GIUMBELLI, Emerson. Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p.47-62.

GODINHO, Danilo Marques da Silva; CARVALHO, Cíntia de Sousa; SOUZA, Solange Jobim. Experiências religiosas da juventude contemporânea: indagações sobre fé,

secularização, ética e política. **Revista de Psicologia Política**, São Paulo, v. 14, n. 29, p. 137-150, 2014.

GODINHO, Danilo Marques da Silva; SOUZA, Solange Jobim. **Juventude e Religião: modos de subjetivação na contemporaneidade**. In: XIV Seminário de Iniciação Científica, 2006, Rio de Janeiro.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 12, 2003.

GONZALEZ, Luciana Thais Villa; MARIZ, Cecília Loreto. Jornada Mundial da Juventude Rio 2013: ressignificando espaços da cidade e identidades religiosas. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 15-37, 2017.

GROPPO, Luis Antonio. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 14, p. 9-17, mar. 2017.

GUIMARÃES, Vinicius Oliveira Seabra. A religião como instância socializadora e educativa: um olhar sobre os jovens de classes populares. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 85-98, jan./mar. 2017.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La religión, hilo de memoria**. Barcelona: Herder Editorial, 2005.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior**. Ministério da Educação, 2017.

KRAMER, Sonia; EDELHEIT, Joseph. Religiões e religiosidade: o desafio de conhecer e reconhecer o outro. **Foro de Educación**, Salamanca, v. 16, n. 24, p. 57-78, 2018.

LIMA, Adriano Sousa. Pluralidade cultural e religiosa no Brasil: um olhar pentecostal. **Reflexus – Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória, v. 13, n. 21, p. 222-254, 2019.

LOPES, José Rogério. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, 2002, p. 7-27.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 7, p. 25-54, 2012.

MACHADO, Lia Zanotta. O aborto como direito e o aborto como crime: o retrocesso neoconservador. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.1 n. 50, p.1-48 2017.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. VII, n. 13, p. 31-44, 2002.

MANOEL, Ivan. História, religião e religiosidade. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 105-128, abr./jun. 2007.

MANZINI Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, Bauru: USC, 2004. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru, USC, 2004. CD-ROOM. ISBN: 85-98623-01-6. 10p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "**La juventud es más que una palabra**". In: Margulis, Mario (Org.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: secularização e pluralismo em debate. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 710-728, 2016.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, n.24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MAYORGA, Cláudia; MARCIAL, Rogelio; AGUILERA, Oscar. Jovens nas ruas: Manifestações no México, Chile e Brasil. **Desidades**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 28-44, dez. 2013.

MAYORGA, Cláudia. Por novas instituições, por uma nova política: o protagonismo dos jovens no Brasil – Entrevista concedida a Ada Fontanella e Laiza Campos. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 11-24, jan./jun. 2017.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. Os universitários do Ensino Superior público: o perfil da Unespar. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **Estudantes universitários no Ensino Superior público Paranaense**: perfil dos ingressantes na Universidade Estadual do Paraná: Ed. Fecilcam, 2015, p. 25-44.

MEZZOMO, Frank Antonio. Nós e os outros: proselitismo e intolerância religiosa nas igrejas neopentecostais. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 5, n. 1, p. 1-25, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Andréia Godinho; SILVEIRA, Hermínia Maria Martins Lima. Teorias da Subjetividade: convergências e contradições. **Revista ContraPonto**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 58-69, 2011.

MORI, Vanessa Tiemi; SILVA, Claudia Neves da. A religiosidade dos estudantes de uma universidade pública: considerações a partir do curso de Serviço Social. **Revista de Estudos de Religião**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 439-457, 2016.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado – questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NIGRI, Sara D. **Juventude e religião em debate: um estudo sobre a participação dos jovens evangélicos na construção de políticas públicas de juventude**. (Monografia, Vitória, Universidade Federal de Minas Gerais). 2010.

NOVAES, Regina. Juventude, religiosidade, territórios e redes: reflexões sobre resultados de pesquisas. In: PINHEIRO. Diógenes; RIBEIRO, Eliane; VENTURI, Gustavo; NOVAES, Regina (Orgs.). **Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: Unirio, 2016, p. 233-264.

NOVAES, Regina. Juventude, religião e espaço público: exemplos "bons para pensar" tempos e sinais. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 184-208, 2012.

NOVAES, Regina. Juventude e religião: o que há de novo? **Revista Senso**, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, 2017.

OLIVEIRA, Graciela Silva; BIZZO, Nelio. Os jovens brasileiros e a religião: algumas características e opiniões. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, ano 18, n. 25, p. 172-200, 2016.

OLIVEIRA, Vinicius Lima. **A religiosidade em universitários da geração Y na crise da modernidade: um estudo de caso na Universidade Federal de Sergipe (UFS)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. **Juventude, religião e conflitos geracionais: entre o discurso institucional e a prática religiosa de jovens pentecostais da assembleia de Deus em Goiânia**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

ORO, Ari Pedro; TADVALD, Marcelo. “A Igreja Universal do Reino de Deus no espaço público religioso global”, **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v.5, pp. 51-69.

ORO, Ari Pedro. A Política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religiosos e político brasileiros. **RBCS** v. 18 n. 53 out. 2003.

ORO, Ari Pedro; MARIANO, Ricardo. Eleições 2010: religião e política no Rio Grande do Sul e no Brasil. **Debates do NER**, v. 18, p. 11-38, 2010.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 59-74, 2001.

PAUL, Patrick. Pensamento complexo e interdisciplinaridade: abertura para a mudança de paradigma? In: Arlindo Philippi Jr. e Antônio J. Silva Neto (Orgs.). **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri: Manole, 2011, p. 229-259.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. Onde estão a religião e a política? Compreensões de jovens universitários católicos, evangélicos e sem religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 812-844, maio/ago. 2018.

PERETTI, Clélia; SOUZA Alisson de, PASSOS, Bruna Carolina dos. Religiosidade e protagonismo das juventudes universitárias. **Relegens Thréskeia**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 196-212, 2015.

PORTELLA, Rodrigo. A religião na sociedade secularizada: urdindo as tramas de um debate. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1 e 2, p. 33-53, 2011.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do censo 2010. **Anuac**, n. 2, 2012.

PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo; GARBIN, Elisabete Maria. Culturas juvenis assembleianas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-27, 2017.

QUADROS, Cláudia Simone Pereira Sarmento. **Os impactos da vida acadêmica na religiosidade dos universitários da UNIMONTES nas áreas do conhecimento: Humanas, Exatas, Tecnológicas, Biológicas e da Saúde**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo, 2015.

RIVERA, Paulo Barrera. Religião e tradição a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 69-94, 2000.

RIVERA, Paulo Barrera. Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos. A transformação religiosa antes da pós-modernidade. **Revista Ciências Sociais e Religião**, São Paulo, ano 4, n. 4, p. 87-104, out. 2002.

RIVERA, Paulo Barrera. Tensiones entre pluralismo religioso y derechos humanos en el Brasil contemporáneo. **Religare**, Paraíba, v. 12, n. 1, p. 128-151, mar. 2015.

RIVERA, Paulo Barrera; FIDALGO, Douglas. Patrimonialismo pentecostal: novo patamar das relações entre religião e política no Brasil recente. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 33, n. 2, p. 77-99, maio/ago. 2019.

RODRIGUES, Solange. Como a juventude brasileira se relaciona com a religião? **Observatório Jovem**, Grupo de pesquisa UFF, Niterói, 2007.

SILVA, Claudia Neves da; TERUEL, Júlia Mirian; SILVA, Alessandra Tosti da. Manifestações religiosas no espaço acadêmico: interferências no processo pedagógico. **Revista Ensino Educação em Ciências Humanas**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 163-168, 2017.

SOUZA, Leonardo Carvalho de. **“Um assunto meio forte”**: os sentidos da política para jovens universitários. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar) – Universidade Estadual do Paraná, Unespar, Campo Mourão, 2019.

SPOSITO, Marília Pontes; TARÁBOLA Felipe de Souza. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, p. 1-25, 2017.

SWATOWISKI, Cláudia; SILVA, Dayane; ALVARENGA, Otávio. Religião no contexto universitário: uma pesquisa entre estudantes de Ciências Sociais e Psicologia UFU. **Intersecções**, Rio de Janeiro, v. 20 n. 2, p. 388-411, 2018.

TADVALD, Marcelo. Religião e política no Brasil e as eleições de 2016: algumas tendências. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 18, n. 32, p. 117-133, jul./dez. 2017.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 13, n. 28, 2014.

TIMM, Edgar et al. Religião, confessionalidade, espiritualidade e educação: dimensionando possibilidades conceituais para suas relações no contexto da contemporaneidade. **Revista de Educação do Cogeime**, Porto Alegre, v. 25, n. 48, p. 11-26, jan./jun. 2016.

UNESCO. **Política de/para/com Juventudes**. Brasília, Unesco, 2004.

VALENTE, Gabriela Abuhab. Laicidade, Ensino Religioso e religiosidade na escola pública brasileira: questionamentos e reflexões. **Pro-Posições**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 107-12, Abr. 2018.

APÊNDICE

Apêndice a: roteiro das entrevistas realizadas com jovens universitários da Unesp, em 2017.

Bloco I – Vivências, cotidiano, expectativas	<ul style="list-style-type: none"> - Como é seu dia a dia? O que é importante para você? - Que espaços da cidade você frequenta? - Quais as coisas que você mais gosta de fazer? - Você sente falta de algo em seu cotidiano? - O que você espera do futuro? - O que você acredita que precisa ser feito para concretizar seus objetivos de futuro? - O que você mudaria no mundo? Como seria o mundo ideal? - Você acha que está fazendo algo para mudar o mundo? De que forma?
Bloco II – Religião	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua religião? Desde quando? Por que você tem essa opção de crença? - Você mudou alguma vez de religião? Por quê? - Qual a religião de seus pais? - Em seu dia a dia, você faz alguma atividade relacionada à religião? Qual/Quais? Com que frequência? Por que você se envolve nessas atividades? - Sua religião incentiva o desenvolvimento de alguma ação/atividade? Qual/quais? Por quê? - Sua religião dá alguma orientação com relação à participação na política? Qual sua opinião sobre isso? - Sua religião dá alguma orientação em relação ao tema do aborto? O que você pensa sobre isso? - Qual a importância da religião na sua vida? Por quê? - O que você espera da religião?
Bloco III – Política	<ul style="list-style-type: none"> - Você gosta de política? Por quê? - Você e seus familiares conversam sobre política? O quê/Quando/Como é? - Você participa de alguma ação ou atividade que considere política? Qual/Quais? - O que te leva a (não) participar? - Você se considera um sujeito político? Por quê? (Se sim: quais ações evidenciam isso?) - Você percebe a política influenciando de alguma maneira em sua vida? Como? - O que você pensa a respeito das pessoas que participam da política? Por quê? - Por que você acha que as pessoas se envolvem com política? - Em sua opinião, quais são as causas de problemas como a pobreza, a exclusão e a discriminação? - O que você acha que precisa ser feito para resolvê-los? De que forma você acredita que pode contribuir com esse processo?
Bloco IV – Curso de Graduação	<ul style="list-style-type: none"> - Por que você escolheu este curso de Graduação? O que você está achando do curso? - O curso mudou algo em sua vida/forma de ver o mundo? O quê/Por quê? - As reflexões promovidas pelo curso incentivam a participação em algum tipo de atividades? Quais? Por quê? (atividades sociais, comunitárias, participação em movimentos, ações coletivas...) - Você vê alguma relação entre o curso de Graduação e a sua participação política? Qual/Quais? Por quê? - Você vê alguma relação entre o curso de Graduação e a sua crença religiosa? (conteúdo das disciplinas, professores, relações/convivência...) - Você vê algum conflito entre as vivências do curso de Graduação e suas crenças religiosas? Quais? - Como você tem lidado com isso?

	- Qual a sua opinião sobre o movimento Escola Sem Partido? Por quê?
Bloco IV – Encerramento	Encerramento da entrevista, retomada dos principais pontos e espaço para complementações, reflexões e comentários finais. - Há alguma coisa que você gostaria de acrescentar?